

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA HEBRAICA,  
LITERATURA E CULTURA JUDAICAS

MÔNICA REGINA LOPES CAVALCANTI

**Empréstimos: a influência da língua inglesa na língua hebraica  
moderna**

São Paulo  
2009

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA HEBRAICA,  
LITERATURA E CULTURA JUDAICAS

**Empréstimos: a influência da língua inglesa na língua hebraica  
moderna**

Mônica Regina Lopes Cavalcanti

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestra em Letras.

Orientador: Profa. Dra. Eliana Rosa Langer

São Paulo  
2009

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	2
1 Estudos lingüísticos, lexicológicos e terminológicos: algumas considerações.....	9
2 Linguagem e poder.....	22
3 Histórico do Inglês e do Hebraico.....	29
4 O Hebraico e o Inglês.....	43
5 Alguns vocábulos do dicionário de Shoshan e a contextualização histórica.....	53
6 Vocábulos referentes a estilos e ritmos musicais.....	78
CONCLUSÃO.....	88
ANEXO.....	90
BIBLIOGRAFIA.....	92

**Resumo**

Esta dissertação é um estudo sobre o emprego dos empréstimos de origem inglesa coletados nos dicionários de hebraico Even Shoshan de duas épocas diferentes: 1.969 e 2.003, tendo como base para a coleta deste léxico no contexto histórico de N.S Eisenstadt.

O objetivo é observar quais as palavras que podem ser utilizadas para exemplificar a entrada de vocábulos de origem inglesa no léxico da língua hebraica, na edição mais antiga do dicionário. Outro propósito é verificar alguns acréscimos importantes do dicionário de 2.003 e ainda, a permanência ou não dos vocábulos mais antigo na reedição.

**Abstract**

This dissertation is a study on the use of loans from English origin collected in the Even Shoshan dictionary of two different periods: 1.969 and 2.003, and as a basis for the collection of the historical context of lexicon NS Eisenstadt. The objective is to observe which words can be used to illustrate the entry of words of English origin in the lexicon of Hebrew, in the oldest edition of the dictionary. Another purpose is to check some important additions to the dictionary in 2.003 and also the presence or not of oldest words in the reprint.

## APRESENTAÇÃO

### *Introdução*

Decidi investigar a influência da língua inglesa no hebraico, tendo em vista o fato de que este sofreu, ao longo de sua evolução, a influência de várias línguas.

Essa idéia surgiu no curso de graduação, quando no segundo ano alguém comentou que ouviu em uma de suas viagens para Israel um vendedor se referir à maquiagem como *make-up*, e, ao perguntar a essa pessoa se ela sabia como seria a expressão correspondente em hebraico, recebeu um “não” como resposta, embora exista um termo em hebraico com o significado de maquiagem que é

O curso de italiano que fiz durante um ano na FFLCH também contribuiu para que me decidisse por este tema, pois, no livro didático usado no curso denominado “Bravo!”, observei com frequência a ocorrência de vários vocábulos de origem inglesa (*week-end; goodbye; ok, etc*).

Porém, o hebraico não é a única língua oriental na qual se nota a influência do inglês, pois no Japão a língua inglesa foi bastante incorporada no dia-a-dia sendo modificada e usada para expressar os mais diversos itens do cotidiano, um bom exemplo disso é o uso de *meruko*, adquirindo o significado de *milk* (leite), que substitui o vocábulo anteriormente usado em japonês.

Aliás, a língua inglesa penetrou de tal forma no Japão que já existe até um dicionário que registra as expressões inglesas incorporadas pelo idioma.

O inglês tem exercido uma forte penetração tanto nas línguas orientais como ocidentais, fruto, é claro, da hegemonia econômica exercida pelos Estados Unidos.

Como a influência do inglês em outras línguas é um tema vasto e que assume a cada dia uma importância maior, sendo, inclusive, objeto de estudo da sociolinguística, escolhemos este assunto para nossa dissertação de mestrado, esperando contribuir, desta forma, com os estudos desenvolvidos na área de língua hebraica.

### *Objetivos*

Pretendeu-se, nesta dissertação, analisar a influência do inglês no âmbito da língua hebraica com a finalidade de observar as palavras do léxico hebraico que possam ter alguma relação com o idioma inglês, considerando para isso o vocabulário em questão em uma época mais distante, os anos 60 e observando-se, nas transformações, a relação constante com a história mais recente. Pareceu ser interessante e produtivo observar como isso aconteceu dentro do léxico da língua hebraica e como esta acabou sofrendo mudanças gradativas, principalmente no que diz respeito ao acréscimo de vocabulário, demonstrando as mudanças ocorridas na sociedade.

### *Metodologia*

O que se pretendeu fazer foi uma análise diacrônica, observando o léxico surgido através do inglês dentro do hebraico. Para isso, tomamos como base o Novo Dicionário de Even Shoshan de 1.969 e sua reedição de 2.003.

Analisaram-se alguns termos dicionarizados para se saber como essa influência aconteceu, verificando, ao longo de um determinado tempo, quais palavras permaneceram ou não no vocabulário da língua hebraico registrada ou foram acrescentadas a esse vocabulário.

Agruparam-se essas mesmas palavras de acordo com sua afinidade semântica, colocando-as em suas respectivas áreas de especialidade e traduzindo-as para avaliar se houve alterações importantes de significado. Nesse processo, observaram-se três resultados possíveis: o fato de as traduções terem permanecido exatamente iguais nos dois momentos considerados, de terem ocorrido pequenas variações ao longo do tempo ou de os verbetes terem se alterado completamente. Elegi, finalmente, alguns vocábulos que considerei relevante e, com base em sua contextualização histórica, avaliei a importância deles no mundo, incluindo, particularmente, Israel nesse contexto. Deste modo, justificamos ter recorrido a alguns pressupostos teóricos para respaldar nossa pesquisa, lembrando que

a lingüística preocupa-se com várias questões, dentre as quais a que envolve a linguagem e o poder que ela tem de comunicar e persuadir as pessoas

Essa preocupação existe desde o estudo da chamada variação lingüística, em que são estudadas as chamadas variantes de prestígio, usadas por pessoas que tiveram maiores chances de estudar e obter uma formação escolar de melhor nível e as outras, chamadas de variantes não padrão.

O estudo lingüístico, no entanto, não se restringe a uma língua no que se refere ao tratamento desta no âmbito interno (dentro dela mesma), mas também, em seu intercâmbio com outras.

Neste caso, nota-se que o inglês exerce muita influência em outros idiomas, o que acontece em conseqüência da hegemonia americana no mundo, após a II Guerra Mundial.

Este fenômeno que liga diretamente a linguagem ao poder (poder esse que a própria linguagem tem e que uma nação pode exercer no mundo) tem feito com que vários profissionais, mais especificamente da área da lingüística, dediquem-se a observar este fato mais detidamente, o que vem originando uma infinidade de estudos a respeito do assunto.

No que concerne à língua hebraica, há evidências de que ela não ficou livre desta “invasão”. Por isso mesmo, uma observação mais atenta se faz necessária, para termos a idéia da dimensão em que isso ocorre no hebraico, que sofreu tantas influências ao longo dos tempos. A mobilidade, aliás, é um fenômeno natural das línguas, mas o que se busca aqui não é saber como, quando e o quanto o hebraico se modificou ou evoluiu, mas o que e de que maneira um idioma ocidental como o inglês traz de contribuição para o hebraico.

Muitas vezes, as línguas são usadas como instrumento de dominação pelos países detentores do poder, Maurizio Gnerre já demonstra isto em seu livro intitulado *Linguagem, escrita e poder*, na qual ele demonstra o quanto se pode manipular as pessoas através do poder exercido pelas camadas dominantes e dirigentes de um país, não sem antes discorrer sobre a questão da linguagem.

Galiléia e Edom foram conquistados pelo Rei Jeneu, que obrigou os habitantes desses lugares a se converterem à religião judaica. Entre estes recém-convertidos estavam pessoas que se tornaram importantes e influentes como Herodes

e sua dinastia, que era formada por edomitas, portanto, pelos poderosos, as classes dominantes da época. Esses grupos não se preocuparam em substituir o aramaico pelo hebraico, sendo, desse modo, a língua de prestígio, ou seja, “o inglês daquela época”. E o desinteresse nessa substituição continuou até mesmo por ocasião do estabelecimento desses grupos na Judéia e em Jerusalém.

A linguagem empresta respeitabilidade ao falante.

O ato lingüístico é, sem dúvida, determinado, pois não acontece de modo aleatório e não é por acaso ou sem querer que as pessoas fazem uso de uma determinada linguagem. Essa atitude é algo que, geralmente, acontece de modo pensado e planejado, com o intuito de exercer influência junto a outras pessoas, transmitindo idéias de um grupo detentor de poder, servindo, também, para veicular a ideologia dessa camada dominante da sociedade (dominante porque manipula o poder econômico e político). Como exemplo disso, podemos citar as traduções da Bíblia, lidas em sinagogas juntamente com o Pentateuco e de alguns outros livros da Bíblia, por alguém que traduzia oralmente cada versículo após sua leitura em hebraico.

Exemplos que tratam do Ocidente também deixam claro o propósito do exercício de dominação, mas nem sempre é isto o que ocorre, como observa a professora Júlia Faveline Alves em “A invasão cultural norte-americana”, dizendo que, às vezes, o que pode ocorrer é apenas uma simples influência e não dominação. Ela faz uma distinção entre as duas, classificando a primeira (influência) como o fato de se utilizar, apenas de modo esporádico, um vocábulo ou outro de uma língua estrangeira e o segundo como um uso mais sistemático dessa mesma língua, assim como de elementos que remetem aos seus costumes, padrões sociais e hábitos culturais, sendo um bom exemplo disso a veiculação constante de músicas estrangeiras em um determinado território.

Quanto a Israel, ocorreu uma entrada de termos ingleses também no hebraico no tempo do Mandato inglês<sup>1</sup>. Raphael Sappan, então professor de língua hebraica no Instituto universitário de Haifa, ressalta, em seu escrito “A Gíria Hebraica e os Empréstimos de Vocabulário”<sup>2</sup>, o uso da gíria pelos habitantes da cidade de Israel,

---

<sup>1</sup> Esse período é correspondente ao final da década de 40, logo após a II Guerra Mundial, próxima à época do estabelecimento do Estado de Israel e, portanto, também o período da Guerra Fria, em que os Estados Unidos implantaram no mundo sua hegemonia.

<sup>2</sup> In *Ressurgimento da língua hebraica*. São Paulo: Centro Brasileiro de Estudos Judaicos, S. D.



chegando a ganhar um prêmio da UNESCO pelo estudo que fez sobre o assunto, além de haver escrito um dicionário inglês-hebraico.

Esse texto serve como referência para compreendermos de que modo a gíria se conduziu, ao longo dos anos, em Israel, e por ele podemos enxergar a inevitável entrada de expressões estrangeiras no país e sua rejeição por parte, principalmente, daqueles que têm o estudo da língua como instrumento de trabalho.

Tendo em vista o fato de possuímos o exemplo de tantas línguas que acolheram o inglês em seu vocabulário como o próprio português, o italiano, o japonês etc, julgamos que seria importante determo-nos em uma análise cuidadosa, porém não exaustiva, do vocabulário do hebraico em seus aspectos morfológicos, utilizando, para isso, os textos de Rifka Berezin<sup>3</sup>, Chaim Rabin<sup>4</sup> Raphael Sappan<sup>5</sup> e David Tene<sup>6</sup>.

O que se observa nesses textos é o fato de o hebraico ser visto como uma língua que nunca se mostrou aberta a influências forasteiras, embora elas sempre estivessem presentes em sua história. Essa resistência se configura de várias maneiras: o hebraico bíblico continuou a ser resgatado, atribuindo-se novos significados a algumas palavras retiradas dessa fonte; na época do ressurgimento da língua hebraica se derivava uma nova palavra de uma raiz conhecida seguindo as regras da derivação e isto se baseava na analogia ou até mesmo na “hebraização” de palavras estrangeiras, conforme as regras de concordância das velhas línguas semíticas.

Isso significa que as novas raízes continuavam fiéis às estruturas dos paradigmas hebraicos herdados, ou seja, mesmo quando se usava uma língua estrangeira procurava-se imprimir nela a marca do idioma hebraico.

Para entendermos isso um pouco melhor cabe falar aqui sobre a história da língua hebraica que reflete a história do povo judeu: no período que abrange a conquista da Palestina até após a guerra de Bar Kohba, os judeus falaram o hebraico (este, segundo Chaim Rabin, foi um período de 1.300 anos). Após esse período, passaram a falar outras línguas por um período muito longo, até que o hebraico

---

<sup>3</sup> BEREZIN, 1972 e BEREZIN, 2000.

<sup>4</sup> RABIN, S. D.

<sup>5</sup> SAPPAN, S. D.

<sup>6</sup> TENE, S. D.

voltou a ser falado novamente na Palestina. As causas dessa interrupção do hebraico como língua falada devem-se ao fato de que, a partir do Exílio da Babilônia, grande parte dos judeus falava outras línguas. Os judeus que lá estavam falavam o aramaico, enquanto que os do Egito falavam o grego no período helenístico.

Na Palestina, em algumas regiões como a Galiléia e a planície costeira, os judeus falavam tanto o aramaico quanto o grego. O hebraico era falado na Judéia e em regiões próximas a Hebron. Mas este hebraico não era mais o da linguagem da Bíblia e sim o hebraico Mischnáico (a língua dos sábios). Então, por esses motivos, é interessante saber até que ponto a influência de uma língua estrangeira (no caso, o inglês) imperou diante de tantas resistências.

Além disso, por ter-se observado que não é um fato raro, os vocábulos estrangeiros advindos da língua inglesa pertencentes aos ramos tecnológicos e científicos se referirem a elementos da modernidade, mas, ao mesmo tempo, em certas línguas, tratem de elementos comuns do dia-a-dia, decidiu-se agrupar estes termos da língua que nos serve de objeto de pesquisa de acordo com seus traços comuns, quando este for o caso e partir para uma observação diacrônica deste vocabulário.

A principal razão desta análise foi verificar as influências da língua inglesa no idioma hebraico. Para fazer essa análise, decidi começar por uma exposição da questão da linguagem.

O passo seguinte seria tratar da história tanto do inglês, quanto do hebraico em seus vários períodos.

A última etapa da pesquisa, então, consiste na análise da presença da língua inglesa no léxico hebraico.

### *Instrumentos Utilizados*

As obras usadas nesta pesquisa abordam os tópicos envolvidos, tendo justamente como foco primordial as mudanças em geral que ocorrem nas línguas vivas.

Para efeito de análise, foram utilizados dicionários de um mesmo autor, Even Shoshan, dos quais foram retirados os vocábulos adequados às finalidades

pretendidas. Em uma primeira fase, catalogaram-se alguns vocábulos, de três volumes do dicionário “Hamilon Hehadach” do ano de 1.969, que são apresentados nesta pesquisa. Posteriormente, coletei algumas palavras de uma nova edição deste dicionário do mesmo autor com a finalidade de dar uma idéia das modificações ocorridas no léxico advindo da influência exercida pelo inglês no hebraico moderno.

# 1

**Estudos lingüísticos,  
lexicológicos e terminológicos:  
algumas considerações**

No Gênesis, lê-se: *No princípio, Deus criou o céu e a terra. A terra, porém, estava informe e vazia e as trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus movia-se sobre as águas. E Deus disse: Exista a luz. E a luz existiu. E Deus viu que a luz era boa; e separou a luz das trevas. E chamou às trevas noite. E fez-se tarde e manhã, (e foi) o primeiro dia* (Gênesis. 1,1-5)

Mais do que uma conhecida passagem bíblica, esta passagem do texto sagrado demonstra a grande importância que a linguagem sempre teve para a humanidade, a despeito do mito, que é bastante revelador do poder verbal como poder de criar, mas também de nomear e trocar experiências, ou seja, de servir como veículo de comunicação entre as pessoas.

Mas, para analisar quaisquer dos fatos lingüísticos, seja em que língua for, é necessário, inicialmente, um estudo da linguagem, contextualizando-a no tempo e no espaço, fazendo um breve histórico dela.

Os primeiros dados sobre o estudo da linguagem de que se tem notícia são do séc. IV a.C. Esses estudos foram realizados inicialmente pelos hindus por motivos religiosos; mais tarde, porém, eles se ocuparam da escrita minuciosa de sua língua, o que os levou a modelos de análise descobertos no Ocidente no final do século XVIII.

Entre os gramáticos hindus que se dedicaram a essa tarefa está um chamado Panini, mas os gregos também se envolveram com ela, tentando investigar se existia efetivamente uma relação entre o conceito e a palavra, ou seja, entre a palavra e seu significado.

Essa questão foi discutida por Platão no *Crátilo*; já Aristóteles havia trabalhado com ela, porém de outra forma, realizando uma análise precisa da estrutura lingüística, chegando a elaborar uma teoria da frase, além de distinguir as partes do discurso e enumerar categorias gramaticais.

Os estudos da linguagem verificam-se desde a antiguidade romana, por exemplo, com Varrão, que também se dedicou à gramática, definindo-a como ciência e, ao mesmo tempo, também como arte.

A estrutura gramatical foi considerada, ao longo da Idade Média, como única e universal, sendo, portanto, as regras gramaticais consideradas independentes das línguas em que se realizam.

Durante o período da Reforma, no século XVI, começam a ser feitas as traduções dos livros sagrados para as mais diversas línguas.

É editado no início do século XVI, mais precisamente no ano de 1.502, o mais antigo dicionário poliglota de que se tem notícia, de autoria do italiano Ambrósio Calepino.

Nos séculos XVI e XVII, a *Gramática de Port Royal*, de Lancelot e Arnaud, demonstra que a linguagem se baseia na razão e que, por isso mesmo, os princípios de análise não se aplicam a uma língua em particular.

No século XIX, é desenvolvido um método histórico de estudo das línguas, surgindo as gramáticas comparadas e a Lingüística Histórica, com o surgimento do interesse pelo estudo das línguas vivas e da comparação dos diversos modos da fala.

Os princípios metodológicos elaborados nessa época formaram o pensamento lingüístico contemporâneo, a partir de análises dos fatos observados.

O que ficou mais evidenciado nos mais diversos estudos comparativos das línguas foi que existe, com o tempo, a transformação das mesmas, por uma série de fatores, sendo que essa transformação acontece de uma forma regular.

Ainda no século XIX, mais precisamente no ano de 1.816, há a publicação da obra de Franz Bopp, estudioso que tratou do sistema de conjugação do sânscrito, comparando ao grego, ao latim, ao persa e ao germânico, por exemplo, e que é considerado um marco da Lingüística Histórica. Surge daí a descoberta de que há semelhanças entre esses idiomas e grande parte daqueles falados na Europa, sendo que existe uma relação de parentesco entre eles, dando origem a uma “família” indo-européia de línguas.

No século XIX, houve grande progresso na investigação do desenvolvimento histórico e este foi acompanhado por uma descoberta fundamental que alterou modernamente o próprio objeto de análise dos estudos da linguagem até então: a língua literária.

Os estudiosos compreenderam, nessa época, muito melhor do que antes, as mudanças que ocorreram nos textos escritos correspondentes aos diversos períodos que levaram, por exemplo, o latim a transformar-se, com a passagem do tempo, em português, francês, italiano e espanhol. As mudanças poderiam, desse modo, ser análogas às ocorridas na língua falada correspondente.

A Lingüística – que é a ciência que estuda a linguagem verbal – só passa a ser reconhecida como tal no século XX com a divulgação dos trabalhos desenvolvidos por Ferdinand de Saussure uma das figuras mais eminentes nessa área e professor da Universidade de Genebra. O livro *Curso de Lingüística geral* foi publicado em 1.916, a partir de anotações de aula de dois alunos de Saussure.

Outra grande inovação do século XX, no que concerne aos estudos da linguagem, refere-se ao fato de que as pesquisas lingüísticas, a partir de então, serão desenvolvidas observando-se os fatos de linguagem diretamente e não mais subordinados a outras disciplinas como antes.

A linguagem é o meio pela qual a comunicação se processa; ela pode se dar através da oralidade, dos gestos (a linguagem dos surdos, por exemplo) e da comunicação escrita, que é a que nos interessa neste trabalho.

Pode-se considerar uma teoria geral da linguagem e da análise lingüística, enfocando os pontos de vista de dois dos mais importantes estudiosos desta área: Saussure e Chomsky.

Para Saussure, a linguagem abrange vários domínios, sendo ao mesmo tempo, física, fisiológica e psicológica e pertence, concomitantemente, ao domínio individual e social.

A diversidade de problemas que a linguagem comporta faz com que ela se relacione com outras ciências como a psicologia, a antropologia, etc.

Em seu livro *Syntactic Structures*, Noam Chomsky apresenta a idéia de que a linguagem é algo já inerente à natureza humana. Ela surgiria de uma capacidade inata e específica da espécie, sendo que essa capacidade é transmitida geneticamente.

A definição acima, entretanto, vai muito além das línguas naturais, mas, de acordo com Chomsky, todas elas são, seja na forma falada, ou na forma escrita, linguagens, no sentido de sua definição, já que toda e qualquer língua natural possui um número finito de sons (e um número finito de sinais gráficos que os representam se for escrita).

Ainda que as sentenças distintas da língua sejam em número infinito, cada sentença somente pode ser representada como uma seqüência finita desses sons ou letras.

Apesar de existirem, como já foi dito, vários tipos de linguagem, a Lingüística é uma ciência que se dedica apenas a investigar a linguagem verbal, embora todas as linguagens (tanto verbais, quanto não-verbais tenham uma característica comum: são sistemas de signos usados para a comunicação.).

As línguas naturais possuem as propriedades de flexibilidade e adaptabilidade, que permitem a expressão de conteúdos bastante diversificados tais como emoções, sentimentos, ordens, perguntas, afirmações, além de possibilitarem a referência ao tempo presente, passado ou futuro.

É importante ressaltar que nem a lingüística se compara aos estudos tradicionais de gramática, nem os estudos lingüísticos podem ser confundidos com o aprendizado de muitas línguas.

O que o profissional da área da lingüística deve saber é quais são as semelhanças e diferenças entre as línguas, os seus princípios de funcionamento, considerando toda expressão lingüística como algo que tem que ser descrito e explicado cientificamente.

À Lingüística compete investigar o funcionamento da linguagem, estudando empiricamente línguas específicas.

A fala das comunidades é o objeto primordial de análise da Lingüística, ficando a escrita em segundo plano.

Existem critérios de coleta, organização seleção e análise dos dados lingüísticos, estes obedecem aos princípios de uma teoria lingüística elaborada para essa finalidade.

Há também duas subdivisões da Lingüística, a geral e a descritiva. A função da Lingüística geral é oferecer os conceitos e modelos que fundamentam a análise das línguas. A lingüística descritiva, por seu turno, fornece os dados que confirmam ou não as teorias expostas pela Lingüística geral.

No século XIX, os lingüistas demonstraram preocupação com o estudo das transformações pelas quais as línguas passaram. Nessa época, o estudo lingüístico era diacrônico.

O ponto de vista sincrônico no estudo das línguas foi introduzido por Saussure, no início do século XX; ou seja, as línguas eram analisadas em pleno funcionamento em um determinado momento histórico.



Saussure não considerava os aspectos diacrônicos e sincrônicos separadamente, estes foram considerados complementares, sendo que fazia preceder o estudo sincrônico ao diacrônico.

Atualmente, muitos lingüistas tendem a separar sincronia e diacronia, adotando esse procedimento como um rigoroso princípio metodológico, para investigar somente a história da língua ou um estado da mesma.

Por tudo o que foi dito, vemos o quanto foi importante o desenvolvimento dessa ciência denominada Lingüística, na medida em que desenvolveu suas teorias e, por meio de investigações, buscou e ainda busca esclarecer como se sucedem fenômenos lingüísticos.

Para isso, porém, a Lingüística não atua sozinha, recorrendo ao auxílio de várias outras disciplinas científicas como a Etnolingüística, que atua e estuda a relação entre língua e cultura, a Psicolingüística, que estuda o comportamento do indivíduo como participante do processo de aquisição da linguagem, além da aprendizagem de uma segunda língua, e a Sociolingüística, que caracteriza, em parte, o presente estudo, pois tende a revelar as complexas relações entre língua e sociedade.

Foi o americano William Labov o precursor deste modelo teórico-metodológico, embora não tenha sido o primeiro sociolingüista a se preocupar com a investigação lingüística.

Definir um sociolingüista significa dizer que estamos falando de alguém que entende por língua um veículo de comunicação, informação e expressão entre os indivíduos. É por isso que se considera Ferdinand de Saussure um sociolingüista.

Labov sempre insistiu na relação existente entre língua e sociedade e na possibilidade de se sistematizar a variação da língua falada. Ele teve vários seguidores, principalmente depois que resolveu estudar o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, em Massachusetts, no ano de 1.963.

Surgiram, então, vários outros estudos: a estratificação social do inglês falado na cidade de Nova Iorque; a língua do gueto; o inglês vernáculo dos adolescentes negros no Harlem; e pesquisas sociolingüísticas na Filadélfia.

Estudos lingüísticos de outras comunidades de fala também já foram realizados em grande quantidade, por outros pesquisadores.

Entre outros vários exemplos, podemos citar o do espanhol falado por porto-riquenhos nos Estados Unidos, o inglês falado em Norwich, Inglaterra, Irlanda; o francês falado em Montreal, no Canadá e o português falado nas cidades do Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo.

Alguns denominam o modelo de análise lingüística proposto por Labov, de sociolingüística quantitativa, pelo fato de utilizar a estatística para avaliar o material coletado, assim como operar com números.

A Sociolingüística é uma ciência que se vale da relação entre língua e sociedade, relação essa que sempre foi muito defendida pelos seguidores do estruturalismo das décadas de vinte e trinta, e que foi abandonada pela escola gerativo-transformacional.

Apesar de os estudos terminológicos serem recentes, no século XVII houve a discussão sobre os problemas que envolvem as línguas de especialidades, denominação antiga das terminologias, isso devido ao trabalho desenvolvido pelos enciclopedistas.

Mas, como afirmamos anteriormente, apesar de existirem trabalhos terminológicos desde os tempos da Idade Média, os estudos ligados à terminologia são recentes e só tomam seu caráter mais pleno no século XX, quando suas bases são estabelecidas pelo engenheiro austríaco Eugen Wüster, que a introduziu na Universidade de Viena no ano de 1.972.

Em sua origem, a terminologia foi considerada um ramo da Lingüística Aplicada, mas isso é discutível, pois depende do enfoque sob o qual os termos considerados são manipulados e analisados.

Outra característica que não pode deixar de ser citada, em se tratando de terminologia, é que ela tem um caráter multidisciplinar.

O enfoque cognitivo e os princípios normativos formam a base dos estudos de Wüster e deram origem à Teoria Geral da Terminologia (TGT).

A Terminologia, hoje em dia, é de grande importância, considerando-se que seu desenvolvimento está relacionado à economia globalizada e ao grande desenvolvimento científico e tecnológico das sociedades atuais.

Com a evidência dos fatores anteriormente citados, houve a necessidade da ampliação de intercâmbios das diversas línguas existentes no mundo e o domínio de termos técnicos.

Por isso mesmo, o estudo da terminologia se tornou um fator de grande importância no campo da tradução técnica, para que se possa transpor de modo adequado as terminologias de uma língua para outra.

São muitos os profissionais envolvidos com as linguagens técnicas e os usos das terminologias por diversos cenários comunicativos deixam claro o seu papel social no âmbito da comunicação humana.

Há uma tentativa de se estabelecer uma padronização terminológica nas linguagens técnicas e, segundo Kocourek<sup>7</sup>, unidades lexicais do texto técnico - científico representam subconjuntos das unidades lexicais.

O grupo de pesquisadores do Instituto de Lingüística Aplicada da Universidade de Pompeu Fabra, em Barcelona, juntamente com a pesquisadora Maria Teresa Cabré propuseram a Teoria Comunicativa da Terminologia, redimensionando os estudos terminológicos.

A TCT, como é denominada, valoriza aspectos comunicativos das linguagens especializadas, ao invés de valorizar os propósitos normalizadores; além disso, introduziu uma visão lingüística nos estudos terminológicos e com isso impulsionou um maior conhecimento sobre a estrutura e o funcionamento do objeto primordial da ciência terminológica.

A Teoria Sociocognitiva da Terminologia, de Rita Temmerman, opera em consonância com o enfoque citado anteriormente.

A Semântica é uma das disciplinas que estão relacionadas à Terminologia e abriga uma grande diversidade de correntes teóricas.

A Lexicologia volta seu interesse para o componente lexical geral e não especializado das línguas, porém, Lexicologia e Terminologia distinguem-se pela especificidade de seus objetos. O estudo lexical tardou a ser valorizado por se pensar equivocadamente que ele só comportava irregularidades.

---

<sup>7</sup> KOCOUREK, 1.991, p.91.

A Lexicologia tem uma relação íntima com a gramática, especialmente com a Morfologia. Subsídios da Lexicologia contribuem para que se possa fazer uma análise de cunho morfossintático das terminologias.

O neologismo é um fenômeno lexical que afeta o componente terminológico das línguas.

A Lexicografia é definida como a arte do fazer dicionarístico, particularmente o chamado dicionário geral das línguas. Mas apesar de a Lexicografia ter um caráter prático, ela também não deixa de ter seu lado teórico, já que passou de um modelo prescritivo para um descritivo.

A Terminologia chamada também de Lexicografia Especializada ou Terminografia tem essas denominações por produzir obras como dicionários técnicos, glossários e banco de dados. Mas ela trabalha o termo e não a palavra, como no caso da Lexicografia. Na Terminografia, se o termo for um sintagma, ele é também entrada de verbete, o que não acontece na Lexicografia, em que os sintagmas ou locuções são partes de verbete.

Outra característica da Terminografia é que ela oferece informações específicas da área que está tratando, ao contrário da Lexicografia, que é mais abrangente. A Terminografia tem uma função normalizadora, que estabelece a padronização terminológica e também mantém relação com a Documentação.

Outro campo que se relaciona com a Terminografia é o da tradução.

A Terminologia quando relacionada ao trabalho de tradução especializada mostra-se bastante proveitosa e eficaz, na medida mesma que o tradutor valendo-se da Terminologia, é capaz de lidar de modo mais competente com os termos.

Quanto ao tratamento da questão dos objetos da Terminologia, estes são três: termo, fraseologia e definição.

O texto é considerado como o *habitat* natural das terminologias.

Quanto aos textos especializados, não é apenas o fato de haver a presença de terminologias o que confere esse caráter às comunicações profissionais, mas o fato de existirem muitos outros recursos lingüísticos, textuais e pragmáticos.

Há muitas maneiras de realização prática da Terminologia, sendo uma delas a geração de dicionários terminológicos. Para a confecção destes dicionários é necessário um planejamento inicial que envolve várias etapas. Depois

deste planejamento é preciso fazer um reconhecimento terminológico, levando-se em conta se aquilo que está registrado como termo é representativo do conhecimento, dentro de uma área do saber.

Para os trabalhos terminográficos são utilizadas as chamadas árvores de domínio, que nada mais são do que diagramas hierárquicos compostos por termos-chave de uma especialidade.

Os meios informatizados são muito utilizados hoje em dia para a produção, auxiliam a pesquisa técnico-científica e têm auxiliado também os tradutores em suas tarefas diárias. Podemos citar também os bancos de dados, os dicionários *on line* na *Internet* e os dicionários eletrônicos como exemplos práticos desta utilização.

Outro ponto importante a ser considerado é o da definição dos termos técnicos e científicos.

No que diz respeito à tradução técnico-científica, redação técnica e gestão de informação existem elementos como a visão global de um conjunto de textos sob estudo e certos termos de *abstracts* em artigos que são considerados tópicos e que poderiam interessar aos gestores de informação, sendo que, cada vez mais, tradutores e bibliotecários necessitam conhecer a terminologia.

Sobre a terminologia, Carvalho afirma que esta não constitui por si só uma nomenclatura, pois incorpora três elementos que, segundo Schaf, são:

- dois interlocutores.
- o objeto nomeado pelo signo.
- o signo como o transmissor de informação.

Denominamos neonímia a neologia das linguagens técnico-científicas.

A neonímia, porém, conforme nos diz a professora Nelly de Carvalho, não fica circunscrita apenas à esfera da língua especializada<sup>8</sup> :

“A neonímia não se restringe à língua especializada. Ela tem repercussões na língua comum, pois a difusão de termos não se circunscreve aos especialistas através de meios de comunicação e atinge o grande público difundindo os eventos (e sua nomeação) no cotidiano.”.

---

<sup>8</sup> CARVALHO, 1.991, p. 37.

O termo neonímia foi criado em 1.979 por Cellar e Somart<sup>9</sup> e vem de neo (novo) e nímia (de sinonímia) e é um termo que surgiu do francês *neonime*. Temos a neonímia de origem, (NO) quando: “o termo novo vem da língua onde foi feita descoberta ou criação”- exemplo: *timer*; e a neonímia de transferência (NT); esta criada por técnicos do país que a importou, traduzindo ou adaptando o termo criado para que possa ser usado.

Este trabalho terminológico deve ser feito, é claro, por um terminólogo, mas não somente por ele; deve contar também com a colaboração de um especialista da área a que pertence o termo investigado, uma vez que a neonímia pertence a uma linguagem especializada de certo domínio.

Podemos medir a freqüência de uso da neonímia, além de datá-la. Ao retratarmos a neonímia, é importante demonstrarmos o pensamento de Guy Rondeau<sup>10</sup>, sobre suas características específicas. Segundo ele, a neonímia tem uma univocidade, ou seja, uma ligação única e reversível entre o significado e o significante, ou entre a noção que se estabelece desde as origens e a denominação. A monorreferencialidade também é uma característica da neonímia.

Um significante terminológico, por mais complexo que seja, e mesmo com muitos semas, possui um conjunto nocional único. Quando nos referimos a um “avião a jato”, temos em mente um aparelho que se locomove por meio de propulsão. Também, no caso do “condicionador de ar”, pensamos no aparelho elétrico que permite a manutenção de uma temperatura desejada no ambiente.

Temos também na neonimia a idéia de domínio, daquilo que pertence a um único domínio de conhecimento e tem um único conjunto nocional. Segundo Rondeau, ainda, o termo neonímico tem estabilidade de uso, sendo geralmente longo, formado por locução. A sua formação se dá, freqüentemente, por meio de afixos de valor semântico estável e determinado e de caráter intencional, como *on*, em física, no caso de elétron, e *ose*, em medicina.

A neologia dá margem a diferentes níveis de análises lingüísticas. Essas relações são normalmente estabelecidas entre as unidades lexicais neológicas e níveis

---

<sup>9</sup> CARVALHO, 1.991, p. 35.

<sup>10</sup> RONDEAU, 1.984, *passim*.

da fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e texto, sendo, este último, um campo ainda a ser explorado.

Um ponto sempre muito importante dentro dos estudos neológicos é o das tipologias neológicas, e sobre isso, Alves observa:

“[...] a tipologia neológica está repartida de maneira diversa entre os diferentes vocabulários técnicos. Assim, cada vocabulário técnico revela características próprias quanto à apresentação de unidades neológicas”.

Não foram poucos os pesquisadores que propuseram tipologias diversas para os empréstimos, dentre eles podemos destacar Haugen, cuja tipologia formal denomina *modelo* o termo ou mesmo uma expressão de uma língua estrangeira reproduzidos por falantes de uma determinada comunidade lingüística.

Quem também propõe sua tipologia é Louis Guilbert e as relações evidenciadas pela tipologia proposta por ele normalmente são as mais seguidas por aqueles que se ocupam dos estudos neológicos.

Os empréstimos lingüísticos são estudados há bastante tempo, mas ainda assim, se comparados a outras matérias de interesse científico, podemos considerar este campo de estudos ainda bastante novo e pouco explorado<sup>11</sup>.

Mas, mesmo tendo consciência deste fato, a uma conclusão, certamente, podemos chegar: se uma língua não pode permanecer estagnada e analisar neologismos significa, falando de modo bastante geral, analisar palavras novas, estrangeirismos quer dizer pensar em um fenômeno sócio-cultural, que ocorre seja por um simples modismo passageiro, ou ainda algo mais profundo, a dominação propriamente dita, como a verificada pela cultura norte-americana, que nos atinge dia-a-dia principalmente pelos meios de comunicação sendo, por isso mesmo, muito importante estarmos sempre atentos às duas forças de tensão contrárias, que produzem seu efeito em uma língua, a força inovadora e a força conservadora. Sobre isso nos diz a professora Marli:

---

<sup>11</sup> Por isso mesmo, vale a pena ressaltar os esforços empreendidos pelo conhecido estudioso dos neologismos, o pesquisador Bernard Quemada que, percebendo a necessidade de um maior aprofundamento dos estudos nesta área, fundou no início da década de sessenta o Laboratoire d'Analyse Lexicologique du Centre d'Etude du Vocabulaire Française, em Besançon, na França.

“Isso quer dizer que é preciso analisar tanto as forças inovadoras quanto as conservadoras, para se ter a compreensão exata do funcionamento da língua.”<sup>12</sup>.

Portanto, sabemos ser inegável o fato de que a cultura e a língua, antes de serem objetos estáticos, são sim, passíveis de sofrerem influências externas, cabendo aos falantes, exercer um papel de agentes equilibradores dessas duas forças antagônicas, a inovadora e a conservadora, e tirar delas o melhor proveito possível, sem preconceitos ou julgamentos precipitados.

---

<sup>12</sup> LEITE, 1996, p.10.



# 2

## **Linguagem e poder**

Sem dúvida, a linguagem tem duas faces, podendo ser considerada, portanto, como algo autônomo em relação às formações sociais, mas ao mesmo tempo, ela é determinada pelas condições sociais.

A língua, que faz parte de um sistema virtual, é comum a todos os falantes de uma determinada comunidade lingüística e podemos imaginar esse sistema como Saussure o concebeu, ou seja, como sendo um jogo de xadrez.

E a língua pode ser comparada a ele pela diferenciação que pode ser feita nos elementos lingüísticos, assim como nas peças de xadrez.

Esse sistema virtual e abstrato dominado pelos falantes realiza-se de modo concreto nos atos de fala. Podemos diferenciar, na realização concreta do sistema tanto a fala quanto o discurso.

A linguagem tem sido usada ao longo dos séculos para veicular informações, quando isto acontece o que está em jogo é a função referencial denotativa da linguagem.

Mas o objetivo das pessoas não é simplesmente falar, o que elas pretendem com isso é serem ouvidas.

O que se busca é distinção e respeito por meio da fala e, conseqüentemente, o exercício de influência no meio social.

Para que isso aconteça, a língua não é usada de modo aleatório, havendo a preocupação com o uso da variedade lingüística que se pretende usar, de acordo com o objetivo que se quer atingir.

Assim, Gnerre observa: “Uma variedade lingüística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais.”<sup>13</sup>.

O estudioso também esclarece que: “Esta afirmação é válida, evidentemente, em termos ‘internos’, quando confrontamos variedades de uma mesma língua, e em termos ‘externos’ pelo prestígio das línguas no plano internacional.”<sup>14</sup>.

O autor considera, entretanto, que uma variedade lingüística só se afirma sobre outra se associada à escrita, transformando-se, assim, em uma variedade usada para transmitir informações de cunho político e cultural, sendo a diferenciação

---

<sup>13</sup> GNERRE, 1994, p. 6-7.

<sup>14</sup> GNERRE, 1994, p. 7.

política um elemento essencial para favorecer a diferenciação lingüística. Há uma conexão entre essas afirmações e a escrita chamada assíria ou quadrática do alfabeto hebraico.

A datação mais provável para o manuscrito de Qumran, que foi descoberto entre 1.947 e 1.956 nas grutas do deserto da Judéia, está situada entre o período bíblico e o mishnáico (entre o século – I e II).

Esses manuscritos são, geralmente, atribuídos a uma seita judaica dos Essênios. Uma quarta parte desses livros consiste de exemplares dos diferentes livros canônicos judeus (exceto o de Ester).

Além disso, ainda podem ser citados os livros excluídos do cânon da Bíblia judaica, como Tobias e Sirácida (recebidos no cânone da Igreja romana e chamados de “deuterocanônicos”); outros se perderam totalmente (Apócrifo do Gênesis, Salmos de Josué, Oração de Nabônides).

Algumas das obras são próprias de uma seita judaica antiga: o Rolo da Regra ou o Manual de Disciplina, o Escrito de Damasco, o Regulamento da guerra dos Filhos da Luz, os Hinos de ação de graças, o Rolo do Templo e os escritos de caráter apocalíptico, litúrgico e comentários exegéticos.

A língua de Qumran é uma língua bíblica em seu conjunto e evidencia-se nela o purismo.

Dizer em que estrato da língua os manuscritos foram escritos é difícil, mas o Rolo de cobre, por exemplo, está escrito na língua da mishná<sup>15</sup>.

Os textos bíblicos de Qumran não são muito diferentes dos da tradição. O rolo de Isaías se diferencia pela modernização da grafia, mais fonética, e, às vezes, também, da sintaxe.

No conjunto, a língua de Qumran é bíblica e nela a vontade de purismo é evidente. A separação entre a fala e a escrita talvez tenha se ampliado em todo o período do “Segundo Templo”.

---

<sup>15</sup> A Mishná é um conjunto de aproximadamente 200 textos, sob a direção do patriarca Judá Há Nassi, e encontra-se incluída nos dois Talmud: o de Jerusalém e o da Babilônia. Esse *corpus* encontra-se no hebraico chamado de Mishnáico e reagrupa elementos da lei oral. Mas essa lei oral era rejeitada pelos Saduceus e venerada pelos fariseus no século I. Foram, portanto, os fariseus que fizeram com que a Mishná resistisse, sendo a corrente farisáica a única que sobreviveu depois da destruição do Segundo Templo.

Houve total adaptação do hebraico ao novo alfabeto, escrita quadrada de origem aramaica. É notório o fato de que uma grande variedade de sistemas alfabéticos foram desenvolvidos pelos povos semitas. Exemplo disso são os primeiros sistemas alfabéticos: o Proto-Cananeu, Proto-Sináítico e o Proto-Árabe. O alfabeto Cananeu possuía 27 letras consoantes, adotando 22 letras até o século XIII a.C, e também a escrita da direita para a esquerda<sup>16</sup>.

Gnerre explica que as línguas européias começaram a ser associadas à escrita em um ambiente restrito de poder, nas cortes de príncipes, reis, imperadores e bispos, sendo o uso jurídico das variedades lingüísticas também determinante para fixar uma forma escrita.

Foi assim que a língua alemã passou a ser usada pela nobreza da saxônia.

No caso da história do galego-português, o que se viu foi uma acentuação dos caracteres do português no século XVII, quando a Galícia constituiu-se em um centro poderoso já no século XVI.

Na Europa Ocidental, a fixação de uma variante escrita precedeu a associação dessa variedade com a tradição gramatical latina.

Essa associação teria sido um processo decisivo para aquilo que seria a “legitimação” de uma norma, entendendo-se como legitimação o processo de dar identidade ou dignidade a uma ordem de natureza política para que seja reconhecida e aceita.<sup>17</sup>

Ao longo da Idade Média, ocorre a associação de uma variedade lingüística com o poder da escrita.

Mas foi também, como não podia deixar de ser, um processo que ocorreu com a finalidade de responder a exigências políticas e culturais.

As variedades lingüísticas (associadas com a escrita) passaram por um processo de adequação lexical e sintática, cujo modelo foi o latim.

---

<sup>16</sup> Este alfabeto, do século XII a.C em diante, é considerado fenício. Como adaptação do sistema alfabético fenício surgiu o alfabeto Páleo-hebraico (século XII) e XI a.C. Foram descobertas antigas inscrições hebraicas em vários sítios arqueológicos, em Israel, na Jordânia e na Síria, indicando que o alfabeto hebraico passou por transformações. Livros bíblicos escritos entre o século XII e VI estão em hebraico na época em que os escribas usavam o hebraico pré-exílico como linguagem literária (exemplos dos textos: o pentateuco, Josué (Js), Juízes (Jz), Samuel (Sm), Reis (Rs), Isaías (Is), Jeremias (Jr).

<sup>17</sup> HABENIAS, 1976.

Nas obras de Rei Alfonso, tradutor do latim para o castelhano, são muito freqüentes termos latinos.

Depois, numa segunda etapa de fixação de uma norma, há a associação da variedade já estabelecida com a língua escrita, com a tradição gramatical greco-latina.

Essa tradição gramatical, até o começo da Idade Moderna, era associada exclusivamente com as duas línguas clássicas (o grego e o latim).

Os moldes da tradição gramatical greco-latina, porém, só foram utilizados para valorizar as variedades lingüísticas escritas, associadas aos poderes centrais e/ou com as regiões economicamente mais importantes no começo da expansão colonial Ibérica, isto na segunda metade do século XV.

Foi o pensamento lingüístico grego que mostrou o caminho de elaboração ideológica de legitimação de uma variedade lingüística de prestígio.

A elaboração dessa ideologia e da reflexão relativas à linguagem foi constante, desde o legislador platônico (Crátilo), até a época alexandrina.

Essa afirmação de uma variedade lingüística por parte da Espanha e Portugal pode ser encarada de duas maneiras: como uma dupla afirmação de poder, que, neste caso, processava-se de duas formas: “em termos internos, em relação a outras variedades lingüísticas usadas na época que eram quase que automaticamente reduzidas a ‘dialetos’ e, em termos externos, em relação às línguas dos povos que ficavam na área de influência colonial.” (GNERRE, 1.994, p.13).

Conforme nos diz Gnerre, o estudioso Antonio de Nebrija justificava a existência de uma gramática em língua castelhana da seguinte forma: para ele, deveria existir a sistematização gramatical para a difusão da língua entre os povos “bárbaros”.

Foi assim que os portugueses resolveram elaborar sua gramática também.

Desse modo, foi elaborada uma gramática das línguas românicas, que foi instituída para ser um dos instrumentos de legitimação do poder de uma variedade lingüística sobre as outras e já com toda uma perspectiva ideológica que tinha por objetivo justificá-la.

É evidente que as línguas sofreram, em seu próprio processo interno de evolução, mudanças as mais variadas.

Verdade é também que sempre houve nas línguas uma interpenetração.

Essa interferência, no entanto, pode se mostrar como sendo uma simples influência, trazendo apenas alguns de seus traços para a língua alheia ou pode configurar uma verdadeira dominação cultural de um povo que possui essa hegemonia para outro, dominado, veiculando uma ideologia de interesse do país dominante para o país dominado. É conveniente, portanto, apresentar uma definição geral de ideologia para ter-se em mente o caráter de dominação que uma língua pode exercer sobre outra:

*“A ideologia pode ser entendida como o conjunto de idéias ou de representações que justificam, explicam a ordem social e as condições de vida dos seres humanos, além das relações que ele mantém com os outros homens. É uma forma fenomênica da realidade, que oculta as relações mais profundas expressas de modo invertido.*

*Sendo assim, a inversão da realidade é ideologia.”*<sup>18</sup>.

Sem dúvida, os meios de transporte e, principalmente, os de comunicação propiciam a expansão de uma língua que venha a se tornar hegemônica, mas seria ingênuo demais afirmar que foi somente por isso ou mesmo por causa da globalização e da necessidade do estabelecimento de relações diplomáticas entre as nações que a língua inglesa se firmou como uma língua de amplo uso em diversos países do mundo.

O Brasil é um dos muitos exemplos de como a língua inglesa vem sendo usada cada vez mais em larga escala no mundo, substituindo, em muitos casos, por completo, vocábulos da língua portuguesa.

Mas a língua é apenas um dos itens que indicam o quanto um país está sofrendo influência de outro. Às vezes, elementos culturais estrangeiros são divulgados em outros países com finalidade política e/ou interesses econômicos (como afirma Gnerre) e, às vezes, isso é apenas fruto do contato espontâneo com outras nações, como no caso do contato da população brasileira com os imigrantes no século XIX, ou dos que retornaram da Babilônia.

---

<sup>18</sup> FIORIN, 1995, p. 29.

Quando isso acontece, não significa que essas características assumem um caráter de dominação, pois esta se dá apenas quando os elementos culturais de um país se tornam exclusivos em relação aos de um outro, substituindo ou eliminando as marcas culturais desse. Se isso não acontece, podemos dizer que há apenas uma influência.

Caracterizando, assim, seja a influência, seja a invasão, o fato é que a língua inglesa está presente tanto nos países de língua ocidental, quanto nos de língua oriental.

Podemos citar como exemplo o Japão que usa termos em inglês com muita frequência, adaptando-as, às vezes, ao seu modo de falar, por não ter fonemas como o “t”, por exemplo.

É assim que podemos ouvir um japonês falar em *crossouordo-puzoro* para se referir a “quebra-cabeças” (crossword-puzzle) e *miruko*, que se aproxima da denominação *milk*, leite em inglês, que acabou por substituir o vocábulo original em japonês. No Brasil, por exemplo, usa-se *mouse* para designar o referido aparelho e, em Israel, usa-se *le faxess* para designar a ação de “passar um fax”.

# 3

## **Histórico do Inglês e do Hebraico**



## História da Língua Hebraica

### *O Hebraico Bíblico*

Os israelitas conquistaram Canaã e isso resultou no estabelecimento de suas tribos na Galiléia, no Monte Efraim e na Judéia.

Pelas histórias do livro dos Juízes, pode-se ver que as tribos do norte viviam separadamente, apenas se unindo em épocas de perigo.

Elas se encontravam também no santuário de Schiló para as celebrações religiosas.

Talvez cada uma delas tivesse seu dialeto próprio e existissem diferenças lingüísticas entre elas.

O aspecto mais importante para o desenvolvimento da língua pode ter sido o fato de o Rei Salomão ter organizado, naquela época, um serviço civil em todo o país, integrando a todos e de terem havido também serviços braçais, nos quais homens trabalhavam fora do lugar onde residiam, ao lado de pessoas de outras localidades do país.

Esse era um regime altamente centralizado, exigindo, por isso, uma língua unificada. Era necessário, para a administração, que houvesse uma língua falada e escrita que pudesse ser entendida por todos no reino e fácil de ser aprendida por todo funcionário civil, sendo capaz, além disso, de expressar novos conceitos de um complexa administração.

Essa língua pode ter sido criada inicialmente na capital por causa do contato entre as diferentes tribos, especialmente na corte e tenha sido levada pelos funcionários enviados para fora de Jerusalém e, com isso, se difundiu; era o hebraico clássico do período do Primeiro Templo, criado na ocasião da unificação da nação sob o domínio de Davi e de Salomão, por volta de 998-926 a.C.

A língua oficial utilizada pela burocracia real era seca, porém, foi adquirindo polimento literário e os sacerdotes começaram a colocá-la em prática no Templo.

Um tipo de discurso público que usava formas da poesia foi muito importante para o desenvolvimento do estilo hebraico.

Até que ponto o hebraico do período da monarquia estava aberto a empréstimos de outras línguas é um fato discutível, mas é provável que eles fossem provenientes de contatos antigos entre hebreus e cananeus, já existindo no tempo de Davi. Profetas, como Isaias (principalmente), empregavam palavras estrangeiras dos países de onde se originavam suas profecias, mas essas palavras eram recursos puramente ornamentais e não de uso comum, mas termos introduzidos pelo comércio parece que eram usados livremente.

Na época em que Nabucodonosor destruiu Jerusalém, transferiu os sacerdotes e os artesãos para a Babilônia, deixando somente os aldeões, não ficando ninguém na Judéia. Sendo assim, não ficou ninguém para cultivar a clássica língua literária. Esse exílio durou 70 anos, tempo suficiente para as pessoas nascidas no estrangeiro terem netos.

Os exilados aprenderam a falar a língua local. Na época, o que se falava na Babilônia era o aramaico e o acádio era usado apenas na comunicação escrita. O aramaico já era o idioma mais difundido no Oriente Médio, nesse período, e tornou-se também a língua de comunicação escrita entre o povo desse império que ia desde a Índia até Núbia, ao norte do Sudão.

Os exilados que retornaram à Judéia a convite de Ciro trouxeram consigo o hábito de utilizar o aramaico em assuntos públicos e particulares devido ao grande prestígio que ele tinha na época. Mas é possível também que o uso do aramaico em assuntos públicos tenha sido forçado para permitir o controle de autoridades persas. Havia uma preocupação em livrar a comunidade judaica dos elementos estrangeiros e incluindo as línguas e houve até uma campanha para isso, descrita em Neemias.

O aramaico e o grego eram usados pelos judeus como língua escrita fora da Palestina e na Judéia e até em assuntos religiosos, o que foi comprovado em textos encontrados entre os Rolos do Mar Morto, mas é quase certo que o hebraico continuava a ser falado na Judéia em uma nova forma.

A influência da língua falada foi crescendo e surgiu um estilo mesclado que combinava a gramática, a sintaxe e o vocabulário do hebraico bíblico e do falado. Algumas passagens do Talmude e dos *midraschim* mostram que esse estilo foi usado em livros populares de histórias; por outro lado, os autores dos Rolos do Mar Morto utilizavam um hebraico mais parecido com o da Bíblia, apresentando poucos traços da

língua falada, buscando um purismo que se deve a uma auto-identificação daquelas pessoas com a geração do Êxodo do Egito e o desejo de imitar costumes religiosos e o modo de falar deles.

### *O Hebraico Mischináico*

Tendo o hebraico falado influenciado a língua escrita, na época do Segundo Templo, supõe-se que essa influência não agradou aos escribas, e que sua intenção era a de escrever o hebraico bíblico puro, conforme era escrito no período dos reis de Judá e de Israel. Mas essas intenções não obtiveram êxito por causa das novas diretrizes do pensamento da época e do crescente distanciamento entre língua falada e os padrões do hebraico antigo.

O modo mais seguro de conservar o hebraico bíblico era através de versículos bíblicos bastante utilizados naquele período, porém, só sendo possível isso, quando encontravam um versículo que expressasse seu pensamento nesses escritos. Entretanto, quando queriam expressar idéias novas e não encontravam um modelo pronto, faziam uso da língua falada em seus escritos e, desse modo, foi criada uma linguagem que conservava parte das características da língua da época do Primeiro Templo, com acréscimos e alterações.

O uso da língua falada facilitou ao povo a compreensão dos ensinamentos dos fariseus, assim como os separou de forma inconfundível e imediata dos escritos heréticos ao mesmo tempo em que evitou que os ouvintes identificassem o que escutavam com a Lei escrita.

O ensino que os fariseus ministravam era sob a forma de pequenas palestras sobre particularidades das leis ou comentários de versículos mesclados com relatos curtos que ilustravam a sua intenção. Com o passar do tempo, esse material foi coletado e organizado na forma de exegese legal e interpretativa dos livros da Torá e compilação temática das leis. A primeira deu origem aos Comentários dos Tanaítas (*Midraschei Hatanaim*) e a segunda, a Mischná e a Tosefta (Comentários Adicionais).

A compilação mais qualificada foi a da Mischná e nela se baseiam o Talmude Jerusalemita e o Babilônico. Por esse motivo, o hebraico falado recebeu o nome de “linguagem da *Mischná*”.

A pesquisa da gramática e do léxico da linguagem da Mischná começou somente no século XIV<sup>19</sup>, isso em razão de os estudiosos da gramática hebraica se preocuparem até então, apenas com a linguagem bíblica. Apenas alguns lexicógrafos coletaram o vocabulário da Mischná, mesclado com o aramaico do Talmude.

A linguagem da Mischná possui muitas palavras aramaicas e há nela, também, muitos aspectos gramaticais parecidos com os do aramaico. A influência do aramaico, contudo, deve ser encarada como natural porque sabe-se que parte da população judaica, principalmente na Galiléia, utilizava o aramaico na vida diária e até mesmo o judeu que falava hebraico recorreu ao aramaico como língua comercial. Há que se lembrar também que não somente o aramaico influenciou o hebraico, como ocorreu o contrário e os dois apresentaram evoluções comuns.

As traduções aramaicas não são uma prova de que o povo não entendia o original hebraico. O motivo pelo qual as interpretações eram fornecidas em aramaico talvez fosse o desejo de fazer a máxima distinção entre o original e a sua exegese. Essa tradução se fazia necessária para os judeus que não sabiam falar hebraico como os da babilônia, mas não para os da Palestina.

Durante todo o período do Segundo Templo, muitos judeus residiam na diáspora e essas concentrações judaicas foram crescendo até que, no fim desse período, os judeus residentes em Israel eram poucos. Na Palestina, os falantes do hebraico estavam na Judéia, mas os judeus da Galiléia e da planície costeira também conheciam um pouco de hebraico. Certos eventos ocorridos na época, baniram o hebraico aos poucos, como a conquista da Galiléia e de Edom pelo rei Jeneu, obrigando os seus habitantes a adotarem a religião judaica, ocasião em que entre esses recém-convertidos muitos alcançaram altas posições, como Herodes e sua dinastia (a dos hedomitas). Esses novos grupos não se apressaram em substituir o aramaico que falavam pelo hebraico, mesmo quando vieram se estabelecer na Judéia e em Jerusalém, onde a quantidade de pessoas que falavam o aramaico era bastante

---

<sup>19</sup> Conforme afirmação de Reginaldo Gomes de Araújo, na defesa deste trabalho de mestrado, realizada em 30 de setembro de 2009.

significativa. Houve um tempo em que os judeus foram proibidos de residir na Judéia e isso causou a total destruição do centro em que se falava hebraico, sendo que o centro espiritual foi novamente transferido para a Galiléia. Estes fatores levaram ao fim do uso de hebraico como língua falada em Israel e junto ao povo judeu, uma vez que a Palestina foi o último reduto de fala hebraica.

O ano de 200 da E.C. marca o fim da utilização do hebraico como língua falada, mas não se deve excluir a possibilidade de que no século IV da E.C. ainda houvesse famílias que falavam hebraico e que algumas pessoas que provinham da Judéia entendiam a língua, mas se pode concluir que no momento em que a maioria da população falava o aramaico e o grego e que havia eruditos que não dominavam o hebraico, a língua deixou de ser falada, contudo a atividade literária desenvolvida na língua mischináica continuou a se desenvolver.

Depois do ano 200 da E.C. foram escritos muitos *midraschim* que continham material novo e o estilo deles se modificou ao gosto das épocas seguintes. Conclui-se, então, que a língua hebraica teve dois períodos de existência plena, falada e escrita: o da linguagem bíblica e o da linguagem mischináica.

Chaim Rabin afirma: “O hebraico deixou de ser falado por volta do ano 200 aproximadamente. A partir de 1.881 o hebraico se tornou novamente uma língua falada pelo povo. Durante 1.700 anos a língua esteve no “exílio”, assim como o povo judeu.”<sup>20</sup>.

Apesar disto, devido às obrigações religiosas, o hebraico foi cultivado ao longo desse período pelo povo que sabia ler, sendo que os mais instruídos e eram letrados também produziram muitas obras escritas como poemas e mesmo obras de outro teor foram produzidas na diáspora.

Uma considerável produção escrita na época da Mischná fora, contudo, feita não exclusivamente em hebraico, a chamada literatura greco-judaica em árabe<sup>21</sup>; isto sem contar com os escritos em aramaico que perduraram desde o período bíblico, pois livros como Esdras e Daniel foram escritos em aramaico e grande parte da Bíblia também fôra traduzida para o aramaico (os *Targumim*) e a grande obra escrita da Cabala, o Zohar, também foi escrita em aramaico.

---

<sup>20</sup> RABIN, 1973, p. 63.

<sup>21</sup> Cf. *Idem, ibidem*, p. 64.

Eventualmente, os judeus falavam hebraico, mas este permaneceu, como “língua sagrada”, reservado à escrita e leitura, mas não à comunicação cotidiana.

Depois que o hebraico deixou de ser falado, as referências do hebraico escrito se tornaram a *Mischná* para a prosa e a Bíblia para a poesia. “Os *paytanim* criaram novas palavras porque tinham a sensação de que a língua existente era insuficiente para expressar o que tinham a dizer, e que, somente rompendo as limitações da língua poderiam se expressar adequadamente em todos os aspectos, assim como os poetas modernos.”<sup>22</sup>.

Os *paytanim* eram poetas litúrgicos produtores de uma poesia litúrgica (*piyyut*) surgida, possivelmente, no século III na Palestina<sup>23</sup> e entoadas nas grandes festas judaicas, como o Ano Novo e o Dia da Expição. De conteúdo difícil, faz-se necessário conhecer o *midrasch* para se entender o sentido do *piyyut*. Os *piyyutim* aprovados pela população foram incorporados às orações até hoje realizadas e, embora sejam de difícil compreensão, repletos de neologismos, ajudaram a diversificar o vocabulário e a ampliar a gama de aplicações do hebraico com novas expressões criadas.

#### *O Período da Haskalá.*

Freqüentemente, o hebraico é associado à cultura do livro e pode se dizer que, em grande parte, preservou-se devido ao registro escrito. Entretanto, o aspecto vivo de uma língua que é falada, que sofreu constantes mutações, e atravessou os séculos mostrando-se versátil assimilando termos e expressões utilizados por outros idiomas, como é próprio de todas as línguas essa versatilidade em se transformarem por assimilações contínuas, sem, no entanto, perderem as suas características fundamentais de modo que não venham a descaracterizar-se totalmente ou mesmo perecer. Aliás, a assimilação ocorrida em uma dada língua reflete no mais das vezes a forma encontrada para a sua sobrevivência, bem como a de seus falantes.

No período em que ocorrem na Europa as modernizações e começam a contituir-se os estados nacionais, as línguas modernas que se originaram do latim

---

<sup>22</sup> *Idem, ibidem*, p.70 e 71.

<sup>23</sup> *Idem, ibidem*, p. 67 (segundo H. Schirman, pois L. Zung considerou que essa espécie de poesia surgiu mais tarde, no século VIII).

passam a ter maior importância na realização do comércio entre os povos e mesmo nos negócios internos devido a um contingente maior de pessoas falantes. Os judeus que se encontravam na Europa, no período, preservam a cultura e a tradição do hebraico, assimilando elementos das línguas modernas a ponto de serem criados o iídiche na Alemanha e um espanhol diferenciado na Espanha. “Os judeus-alemães que emigraram para a Europa”... “não começaram a falar o polonês, ou outro idioma usado no ambiente que os cercava, mas sua língua judaico-alemã evoluiu para uma língua distinta do alemão, o iídiche ocidental.”<sup>24</sup>.

Depois da descoberta da imprensa, foram publicados livros nessa língua, o que ajudou a preservar, em boa parte, a sua forma constituída. Os judeus que se exilaram na Espanha, por seu turno, adotaram o espanhol como idioma e não o turco ou o árabe, como nos diz o autor, que “rapidamente se converteu em um idioma judeu distinto do castelhano da Espanha ou da América do Sul.”<sup>25</sup> e também, neste caso, os livros impressos contribuíram para a sua perpetuação.

O hebraico deixa-se contaminar pelas influências populares, sendo o hebraico falado, diferentemente do latim que era língua culta na Europa desse período, um idioma que segue evolução paralela em meio às transformações sócio-culturais pelas quais as línguas nacionais também passaram atestando isso o iluminismo cultural representado pela literatura (prosa e poesia da Haskalá).

### *O Renascimento da Língua Hebraica*

Uma língua viva é sujeita a transformações, ainda que preservada pelo registro escrito dos livros que produz não possuirá o mesmo dinamismo que uma língua falada e este não era o caso do hebraico até finais do século XIX (estando sujeito a desaparecer com os seus falantes).

É exemplar a atitude de um seu falante que propaga a necessidade de se voltar a falar o hebraico para que a língua se perpetue, começando a pôr em prática com a sua própria família. O fato é que a sua atitude surte efeito além de seus escritos sobre essa necessidade, sendo este o marco do advento do hebraico moderno, antes mesmo

---

<sup>24</sup> *Idem, ibidem*, p.83.

<sup>25</sup> *Idem, ibidem*, p.83.

do advento do estado de Israel. Ben Yehuda, imbuído da idéia de um nacionalismo judaico, escreve, no início de 1.879 um artigo intitulado *Scheelá Lohatá* (“Uma Questão Candente”) publicado em *Haschahar* com o título *Scheelá Nihbadá* (“Uma Questão Importante”), a fim de defender a literatura hebraica, a exemplo de outras línguas nacionais e contra aqueles que negaram a existência da nacionalidade judaica<sup>26</sup>. Yehuda pensava que viria ser a Palestina o centro da nação onde o idioma seria mantido oficialmente e até seria falado. A exemplo de outros povos modernos, os hebreus não necessitariam mais ser bilíngües como foram os povos da Europa até o latim vir a ser substituído pelas línguas nacionais.

A difusão do ensino do hebraico nas escolas acabou por vir a realizar o intento de Yehuda, um verdadeiro renascimento do hebraico, mas a partir da primeira década do século XX, em que jovens casais que haviam aprendido o hebraico começaram a ensinar aos seus filhos a língua que conheciam e que lhes era habitual.

O grande esforço de Yehuda foi a tarefa de elaborar um dicionário da língua hebraica que fosse o mais completo possível e viesse a atender às necessidades de comunicação do falante moderno, chegando a ponto de ele mesmo forjar novos termos, a partir de alguns existentes e emprestados do Talmude, bem como termos extraídos da literatura conhecida: “em 1.903 um pequeno dicionário, e a partir de 1.908, começou a editar o seu grande dicionário, *Thesaurus Totius Hebraicitatis*”<sup>27</sup>. Yehuda, ainda, criou palavras como dicionário, jornal, relógio, moda e toalha.

---

<sup>26</sup> *Idem, ibidem*, p.95.

<sup>27</sup> *Idem, ibidem*, p.99.



## História da Língua Inglesa

Os primeiros habitantes da Inglaterra vieram de longe, como observa Anthony Burgess, em seu livro *A literatura inglesa*. Essa região de onde eles vieram era habitada pelos britânicos. Podemos encontrá-los ainda hoje no País de Gales a oeste da Inglaterra, falando uma língua que em nada se parece com o inglês.

Esse povo é chamado hoje de galês, que vem de Welsh, uma palavra do inglês arcaico para denominar “estrangeiro”. Eram chamados pelos romanos da Antiguidade de *Britanni* e a região de onde vieram, *Britannia*. São chamados também de bretões e foram governados pelos romanos por alguns séculos e os romanos trouxeram sua língua, sabendo-se que traços delas sobrevivem até hoje nos nomes das cidades da Inglaterra.

Durante o domínio romano, houve um avanço na Bretanha com a aquisição de vários bens públicos como teatros e sistema viário. Com a queda do Império romano, povos do noroeste da Europa atravessaram o mar e se fixaram na Bretanha, assim, os bretões foram levados para oeste e o país foi reivindicado para eles. Entre os povos que fizeram essa reivindicação estão os anglos e os saxões. Os detalhes dessa invasão são pouco conhecidos e as lendas do rei Artur e os cavaleiros da Távola Redonda tratam disso. Os anglos e os saxões eram fazendeiros e homens do mar, tinham conhecimento sobre o respeito do direito e da arte de governar e embora não se tenha certeza, podem ter trazido com eles uma literatura da Europa para a Inglaterra. Essa literatura era em quase sua totalidade, escrita em verso. Antes disso, porém, monges já haviam feito registros, que só foram encontrados em monastérios na época de Henrique VIII, quando ele os dissolveu. Essa literatura deve ser considerada oral, transmitida por sucessivas gerações.

Um dos poemas escritos por monges, escribas de um monastério foi o poema de *Beowulf*, este poema não foi escrito na Inglaterra, mas sim em outro lugar da Europa e os colonos o levaram para este país e é o poema mais antigo da língua inglesa.

Beowulf é descrito como tumultuoso guerreiro e violento, não sendo, é obvio, um poema cristão. A violência do poema é justificada pela língua, uma vez que foi escrito em inglês arcaico e à aspereza do inglês arcaico podemos chegar pelo inglês moderno, demonstrando algumas palavras que podemos encontrar neste, mas que tem

origem naquele. Exemplos: *streght*, (força), com uma única vogal e sete consoantes musculares que a estrangulam, *breath* (respiração) e *crash* (estrondo). Essa agressividade do inglês arcaico pode ser contrastada com uma maior suavidade presente nas línguas do norte e do sul, pois se pensarmos nesse inglês mais antigo podemos notar que sua sonoridade se assemelha a uma série de ruídos bem altos.

Houve, posteriormente, a invasão dos normandos, que tinham laços de sangue com os dinamarqueses, mas, além de terem absorvido a cultura do império romano, ainda foram convertidos pelo cristianismo e falavam um ramo do latim chamado de francês normando. O estilo de vida do anglo-saxão era austero, enquanto o do normando, menos pesado. Na língua, isso não era diferente, pois o francês pode ser considerada uma língua de acentos mais leves, bem diferente do inglês arcaico ou mesmo o moderno.

A evolução do inglês até o tempo presente deu-se num processo contínuo, uma marcha em direção a uma simplicidade crescente, cuja flexibilidade, não foi interrompida por cerca de 1.500 anos.

O inglês antigo permaneceu enfaticamente como uma língua teotônica.

Embora muitas palavras modernas do inglês sejam pronunciadas como eram há um milênio e meio atrás, em sua ortografia incidiram maiores revisões.

No inglês antigo, o nosso som *sh* era representado por *sc*, como em *scip* (ship), *sceap* (sheep), and *sceotan* (shoot); o som do *k* por *c* como em *cynn* (kin), *nacod* (naked), e *folc* (folk); o som fraco representado por *cg* como em *bricg* (bridge); o *a* breve soa como um ditongo *a* como em *bac* (back) e *gras* (grass) e o *th* soa como dois extintos rúnicos. A capacidade de o antigo inglês abarcar novos conceitos e dar a eles uma expressão dentro dos confins do seu próprio vocabulário – limitado, mas elástico – foi posto em um teste crucial quando a Inglaterra foi convertida novamente à cristandade no sétimo século.

A abstração do monoteísmo e do cristianismo se incrustou no latim, e os conquistadores anglo-saxônicos não tiveram problema em aprender ladainhas e não emprestaram seus ouvidos para a fala de seus inimigos celtas conquistados.

Nos anos que se seguiram, outros missionários penetraram nas marchas do norte da Inglaterra.

Cinco anos depois, um notável estadista eclesiástico, Teodoro de tarsus, viajou da Ásia menor para assumir o escritório como o primeiro arcebispo de Canterbury. A expansão da fé teve um profundo efeito na linguagem do lugar.

As palavras latinas começaram a emergir do convento e entrar na fala do dia-a-dia das pessoas. Só algumas foram assimiladas sem mudança.

Alguns exemplos de palavras que foram emprestadas do latim nesse remoto período sobrevivem somente na forma alterada atual:

Inglês Moderno	Inglês Antigo	Latim
-abbot	abbod	abba
-angel	engel	angelus
apostle	apostle	apostolus
candle	candel	candela
cleric	clerc, cleric	clericus
cowl	cugele	cuculla
deacon	diacon	diaconos
devil	deofol	diabolus

Muito mais interessante que as palavras emprestadas do latim são aquelas que não foram, preferindo, os falantes utilizaram do repositório de sua própria língua termos que pudessem ser apropriadamente utilizados.

Eles não viram necessidade, por exemplo, de se apropriar do vocábulo latino “deus”, porque possuíam a palavra *god*.

Durante os dois séculos que se passaram entre o advento do grande exército Viking, em 865 e a chegada de William, o conquistador em 1.066, os Danes se tornaram parentes do inglês e se submeteram aos costumes da sociedade nova.

As outras ondas de invasões continuaram a avançar em direção à terra em intervalos regulares e algumas das mais sangrentas batalhas alcançaram a segunda e terceira gerações.

O impacto do ataque furioso da literatura e aprendizado, contudo, foi desastroso. Mas a tempestade Viking não se esgotou por si mesma.

Tão rapidamente quanto o corsário do mar escandinavo se estabeleceu em seus lares desapropriados, novos invasores chegaram. E no princípio do décimo primeiro século, a hegemonia Viking alcançou seu ápice com a derrota dos filhos de Edgar. Como consequência dos três séculos da agressão Viking, uma grande parte do inglês absorveu os últimos e indeléveis traços da cultura escandinava.

Os Vikings deixaram sua marca na ilha de muitas maneiras, no governo, nos procedimentos legais, linguagem, e mesmo na aritmética.

A herança da conquista escandinava sobrevive hoje em muitas palavras da língua inglesa e, mais especialmente, em nomes de lugares.

Algumas vezes, a forma do inglês antigo sobrevive, mas atingida por uma variante de significado escandinava.

A era da influência dinamarquesa alcançou seu apogeu durante o reinado do rei Canute de 1.817 a 1.035.

Diferentemente de seus predecessores Vikings, os normandos não assimilaram os costumes da população local, sendo-lhes, portanto, indiferente a linguagem local.

Durante os cento e cinco anos iniciais da ocupação dos normandos, a infiltração de palavras francesas na língua inglesa progrediu vagarosamente.

As duas línguas existiram lado a lado sem se misturarem.

Os esparsos exemplos de escrita inglesa, preservados por doze séculos, contêm pouquíssimas palavras de origem francesa..

Durante o décimo terceiro século, certos eventos da história contribuíram para elevar a língua inglesa do seu humilde estado de uma língua vernacular de um povo conquistado, impulsionando-a para uma vagarosa ascendência como uma língua nacional.

Ano após ano, geração após geração, o inglês invadiu as fortalezas do governo e se tornou, necessariamente, implemento da inteligência oficial.

Ao longo dos séculos quinze e dezesseis, aconteceu a grande era da exploração comercial mundial e expansão colonial, tendo sido originadas, como consequência, novas e estranhas palavras e frases que foram levadas para o inglês nasceram com navegadores ingleses de terras distantes.

Não foi simplesmente a magnitude, nem mesmo a variedade do vocabulário que elevou o inglês elizabetano para o pináculo da grandeza não conseguida antes;

não menos importante foram a ousadia e virtuosismo com o qual os seus praticantes o colocaram em uso.

As principais diferenças entre o inglês do século dezessete e do século vinte residem, em sua maioria, no domínio da pronúncia e ortografia.

# 4

## **O Hebraico e o Inglês**

Desde os mais remotos tempos da existência da língua hebraica, sempre houve a influência de outras línguas sobre esta, como é o caso do aramaico, deixando suas fortes marcas.

O hebraico, depois de ser falado no cotidiano, ficou restrito quase que apenas aos ambientes religiosos e literários. Ele voltou a ser usado somente mais tarde, por ocasião do chamado ressurgimento da língua hebraica, recebendo também muitas influências, como a da língua inglesa. Isto ocorreu durante o período histórico chamado Sionismo em que ela se fez presente também no então recém-fundado Estado de Israel e aconteceu durante o Mandato, sendo considerada “a língua oficial deste momento histórico”. Raphael Sappan diz que muitas das palavras que, de algum modo, tiveram influência no hebraico vieram do inglês. Segundo o autor, o primeiro sinal mais visível dessa influência foi a existência de palavras usadas pela primeira vez no exército Israelense e são gírias, utilizadas com o intuito de impressionar.

As palavras que entraram para o hebraico vindas do inglês, vieram através de mecanismos como decalque<sup>28</sup> e também de empréstimos lingüísticos.

As gírias, no entanto, enfrentaram resistência por parte de muitas pessoas, conforme nos diz Sappan: “Muitos lingüistas importantes, assim como educadores e autores de renome mantêm-se inflexíveis na sua condenação da gíria”<sup>29</sup>

É evidente que, sendo rejeitada por essas pessoas, o seu registro em dicionários também não ocorreu durante muito tempo. Sappan afirma: “Realmente, durante muitos anos os dicionários hebraicos recusaram-se a reconhecer a existência desta”<sup>30</sup>.

Ele diz que ninguém havia descoberto ainda um antídoto eficaz contra os fatores que fazem com que a língua falada ultrapasse as fronteiras do vocabulário oficial e, desse modo, surjam novas palavras e expressões.

---

<sup>28</sup> Segundo *O dicionário de lingüística*, coordenado por Jean Dubois, “diz-se que há decalque lingüístico quando, para denominar uma noção nova ou um objeto novo, uma língua A (o português, por exemplo) traduz uma palavra simples ou composta, pertencente a uma língua B (francês, alemão, inglês, p. ex.) pela palavra simples correspondente que já existe na língua com outro sentido, ou por um termo composto, neologismo, formado dos elementos correspondentes aos da língua A. O decalque distingue-se do empréstimo propriamente dito, em que o termo estrangeiro é integrado tal qual à língua que o toma emprestado. Quando se trata de uma palavra simples, o decalque se manifesta por adicionar-se ao sentido corrente do termo um ‘sentido’ tomado à língua A pela língua B; assim, a palavra realizar, cujo sentido é ‘tornar real, efetivar’, vem sendo usada também no de ‘compreender, perceber bem’ (Ele ‘realizou’ a situação) por decalque do inglês ‘to realize’ ”. (Dubois, 2007, p.165).

<sup>29</sup> SAPPAN, S.D, p. 44.

<sup>30</sup> *Idem, ibidem*, p.44.

O autor ressalta, além disso, que as observações que faz relacionam-se, na realidade, tanto com o que se toma emprestado de outras línguas, quanto aos decalques, que são muitos em hebraico, segundo ele.

Os fatores apontados como sendo os responsáveis por uma grande importação de palavras estrangeiras pela língua hebraica são o renascimento do hebraico, baseado em sua maioria, em fontes antigas e que são carentes de palavras e expressões que tivessem conotações populares ou íntimas e, além disso, o íntimo contato mantido com outras línguas em uso ativo em Israel, o árabe, por exemplo, vernáculo de um dos setores da população e o inglês (como já foi dito, língua do tempo do Mandato).

Reforçando o valor da língua hebraica para a população israelense, ele enfatiza o uso de termos e expressões hebraicas pela população jovem, em substituição aos termos estrangeiros usados por seus pais e avós em seus países de origem. Haveria um momento em que a gíria cairia em desuso e seria substituída por palavras hebraicas, mas diz também que nem todas as palavras estrangeiras desapareceriam, por causa da predileção por expressões estrangeiras (talvez por acharem que impressione mais mesmo) e também pelo inevitável contato da população de Israel com outros países.

Rabin também apostava em um uso mais intensivo da língua hebraica afirmando: “(...) a característica sociolingüística essencial do hebraico contemporâneo é o surgimento de uma fala nativa e sua crescente estabilização.”<sup>31</sup>.

O empréstimo de palavras estrangeiras seria, então, o último recurso utilizado pelos falantes do hebraico.

Um ponto de resistência natural à língua hebraica (no caso, o hebraico israelense) seria o da utilização dos verbos, sendo assim, o hebraico tomou de empréstimo a forma de substantivo *telefon*, (“telefone”), mas não a forma verbal “telefonar”, embora atualmente esta exista. Enfim, a língua hebraica, como vimos, não escapou (e nem seria possível) das influências exercidas por outras línguas ao longo de toda sua existência, mas, recorrendo aos textos, vemos uma resistência ao uso de vocábulos estrangeiros em Israel, reforçando a visão de que sempre houve uma preocupação com a identidade de seu povo, inclusive a lingüística, preferindo

---

<sup>31</sup> RABIN, S.D., p. 71.



sempre recorrer às palavras que se consolidaram dentro da própria língua hebraica ao uso de outras advindas de línguas diversas.

A língua não é algo estanque, ela sofre transformações, de acordo com os interesses dos falantes da sociedade que a utiliza, como nos mostra a professora Nelly de Carvalho:

“A evolução da sociedade, nas últimas décadas, tem sido tão vertiginosa em todos os setores, que se torna, para nós, um desafio acompanhá-la [...]... a língua, espelho da cultura, reflete essa busca frenética de novidade, evoluindo rapidamente, introduzindo novos termos, logo aceitos.”<sup>32</sup>.

E, quando estes novos termos são criados, damos a esse processo de criação lexical, o nome de neologia e o termo criado chamamos de neologismo. Até mesmo o escritor João Guimarães Rosa, grande conhecedor da língua portuguesa e de outras como o próprio hebraico, preocupou-se com os neologismos ao elaborar o segundo prefácio de seu livro *Tutaméia*<sup>33</sup>, em que trata deles.

Rosa afirma que se deve criar “uma palavra nova, só se satisfizer uma precisão, constatada, incontestada.”<sup>34</sup>.

A língua sofre modificações tanto em sua estrutura interna, quanto no que se refere aos vocábulos vindos de outras línguas.

Assim sendo, as línguas sofrem influências externas, que, no entanto, não são gratuitas: acontecem por motivos sócio-políticos e culturais. Sendo, ainda, notadas, freqüentemente, no nível lexical, como nos mostra a professora Maria Aparecida Barbosa:

“Sem dúvida, é necessário lembrar que as mudanças efetuadas no código são mais sensíveis no subconjunto lexical, pois, se estas se refletem no subconjunto gramatical, isso se dá de maneira muito menos rápida e sensível.”<sup>35</sup>.

---

<sup>32</sup> CARVALHO, p. 7 e 8.

<sup>33</sup> São quatro os prefácios escritos para este mesmo livro, intitulados respectivamente como “Aletria e hermenêutica”, “Hipotréllico”, “Os temulentos” e “Sobre a escova e a dúvida”.

<sup>34</sup> ROSA, João Guimarães, *Tutaméia*, Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1.969, p.65.

<sup>35</sup> BARBOSA: 1981, p. 130.

Ao se considerar o léxico de qualquer língua, o que podemos perceber é que, como observa Biderman, a maioria das unidades lexicais pertence à categoria gramatical dos substantivos<sup>36</sup>. Se o neologismo for uma palavra nova, incorporada em outra língua que não a sua de origem, este será um neologismo por adoção, e assim diremos que estamos diante de um empréstimo.

Às vezes, uma palavra estrangeira se incorpora tão bem à sua língua de chegada, que até nos esquecemos de que se constitui um empréstimo feito de outra língua.

Em sua fase inicial, esse empréstimo é aceito tal e qual veio da língua que o originou, sendo chamado, então, de peregrinismo; empréstimo mesmo, ele só o é, quando passa a se integrar na forma da língua que o acolheu. Aliás, ao falarmos em empréstimo, é conveniente citar que H. Bonard faz distinção entre empréstimo e o que chama de *herança*, Louis Gilbert também faz uma distinção entre empréstimo e estrangeirismo, e Deroy entre estrangeirismo, peregrinismo e empréstimo.

Quando falamos em empréstimos, logo nos lembramos de que, atualmente, no ocidente, a língua inglesa se faz presente, misturando-se às palavras já existentes em diversas outras línguas.

No Brasil, essa influência ocorreu muito fortemente no século XIX, quando o país era governado pelo Império português e os brasileiros procuravam viver à maneira dos europeus, principalmente como os franceses, adotando para isso, alguns de seus costumes e muitas palavras do léxico desta língua.

No século XX, porém, foi o uso de expressões de língua inglesa que se tornou dominante; vindo por vezes a substituir termos existentes da língua portuguesa, como é o caso de *delivery* (*entrega*), empregado freqüentemente nas propagandas feitas por estabelecimentos comerciais do ramo de alimentação, para se referir à disponibilidade de entrega em domicílio.

Os estrangeirismos, às vezes, podem ser rejeitados, como fez o lingüista Castro Lopes<sup>37</sup>, inventando até palavras novas para evitá-los no sistema lingüístico do português.

---

<sup>36</sup> BIDERMAN: 1978, p. 165.

<sup>37</sup> Esse estudioso foi mencionado por Guimarães Rosa no já mencionado segundo prefácio de *Tutaméia*.

Em sua obra, “Neologismos Indispensáveis, Barbarismos Dispensáveis”, já começa dizendo:

“(...) como sucede com a roupa nova, por melhor talhada que seja, reflectam porem os espíritos desprevenidos que á força de empregarem o termo novo, acabarão por lhe tirar a estranheza, dando-lhe foro de cidade si o julgarem disso merecedor.”<sup>38</sup>.

Nesse trecho, Lopes nos alerta sobre o fato de as pessoas deixarem de empregar os termos existentes em sua própria língua para usarem outros que são estrangeiros, contudo dando-lhes características próprias dos países para onde foram levados, como no nosso caso, ao aporuguesá-los. Lopes pensa, então, em maneiras de manter o léxico atrelado às suas origens, com a finalidade de evitar expressões de língua inglesa e francesa, sempre convicto da aceitação dos neologismos criados por ele, mostrando-se indignado com o fato de as pessoas recorrerem a unidades lexicais estrangeiras toda vez que precisam se expressar; não admitindo, ainda, o argumento de que isso ocorreria pela falta de vocábulos em nossa língua que pudessem exprimir a exata idéia dada por uma palavra estrangeira, tal qual foi concebida em outra língua, como chega a identificar o uso de palavras estrangeiras, não só no Brasil, quanto em Portugal, como ele mesmo nos diz, como falta de patriotismo. Sobre isso, ele diz: “Responder-me-ão que é por não haver outra, que lhe corresponda na língua de Camões”: “O desapego, indiferença e até a aversão aos vocabulos da língua vernacula, com manifesta predileção dos barbarismos, é um triste syntoma que traduz funesto desamor ás coisas da terra natal.”<sup>39</sup>.

E mais: “O povo começa por preferir o barbarismo, acaba por dar prova de falta de patriotismo. A língua é a imagem viva da pátria.”<sup>40</sup>.

A influência do francês, no Brasil, foi alvo de muitas críticas feitas por Lopes, mas não foi só ele, o inglês também não escapou às manifestações de descontentamento do lingüista:

“Depois de haver declarado guerra à França, declaro agora à Inglaterra (...)”<sup>41</sup>.

---

<sup>38</sup> LOPES, 1909, p. 4.

<sup>39</sup> LOPES, *op.cit*, p.15.

<sup>40</sup> *Idem, ibidem*, p.10.

Segundo ele, *meeting* é uma palavra inglesa adotada pelos franceses com o significado de reunião, ajuntamento. Em inglês, em francês e até em português, “*meeting* tinha o significado de reunião do povo (...), sempre convocado por orador que se dirige às massas para tratar de assuntos políticos e sociais.”.

Mas não foi só nas línguas ocidentais que *meeting* se infiltrou, ocupando, mesmo que temporariamente, o lugar do vocábulo de outra língua, este também consta no dicionário de língua hebraica cujo nome é “Novo Dicionário”, de Even Shoshan (1.969).

Em hebraico, o vocábulo é : מיטינג (*miting*).

O protesto de Castro é: “(...) acho que não temos a necessidade de pedir emprestadas palavras ao inglês”.

E ironiza: “vou convocar um meeting para a abolição do *meeting*”.

Lopes em mais de uma oportunidade não perde tempo em anunciar outro de seus “achados” para ocupar o lugar de *meeting*: é Concião, (do latim *concio*, *concionis*) palavra que, segundo ele, designava “a convocação de uma assembléia popular, a reunião do povo para assumptos políticos e sociaes.”.

As observações contrárias ao uso de palavras inglesas, ao invés de portuguesas, continuam, desta vez tendo como alvo o vocábulo *Pic-Nic*, *piqueenique* em francês, sugerindo convescote em seu lugar, e explica: convescote, segundo ele, viria do português *escote*, que seria o mesmo que quinhão dado a cada um para a despesa, mais convívio, que seria *festim*, *feira familiar* (de *conviviumm*, *i i*, latino) e não deixa de dizer, referindo-se à valorização por vezes exagerada que se dá às palavras estrangeiras no Brasil, que *Pic-Nic* é considerada ótima por ser estrangeira; aliás, esta foi outra palavra que não passou despercebida aos olhos do estudioso da língua hebraica Even Shosham, que também a registra em seu dicionário. A forma hebraica para pic-nic é פיקניק.

Existem também, conforme Castro Lopes, muitos outros estrangeirismos que mereceriam ser retirados do falar português, utilizando-se palavras do próprio português no lugar destes ou substituindo-os por outros termos de origem latina ou grega. Esse procedimento não é somente possível no português, como vimos no caso

---

<sup>41</sup> *Idem, ibidem*, p.17.

de *meeting*, já que em hebraico, por exemplo, temos o verbo “encontrar” e seus correlatos.

Ele critica também o uso de *logista* e *etiqueta*, dizendo que o comércio é o primeiro em uso de barbarismos.

Castro Lopes vai ao extremo em seu julgamento quando chega a classificar o uso constante de palavras estrangeiras no português como uma patologia, uma aberração, como ele mesmo diz.

Para ele, o uso de palavras vindas de outros países são resultado de preguiça dos falantes que, ao invés de pesquisarem, como ele próprio o faz para encontrar palavras mais próprias para o uso, preferem utilizar o que já está consagrado pelos modismos lingüísticos.

Em sua busca incessante pelos estrangeirismos, que considera abomináveis, faz uma observação quanto ao uso de *Leader*, aportuguesada para *Líder*, fazendo parte também do léxico catalogado no dicionário de hebraico, do autor Even Shoshan (ibdem). Líder ou *Leader*, em inglês, é grafado desta maneira em hebraico: לִידֵר

É assim que Castro Lopes, não sugerindo, desta vez, nenhum neologismo criado por ele próprio, aponta algumas palavras que acha totalmente dispensáveis no português, não antes, porém, de fazer outro de seus comentários, protestando contra a “invasão” estrangeira:

“São as palavras o traje do pensamento; é por meio daquellas vestes que se apresentam as ideas; quem tem roupa sua (...) não precisa andar com a alheia, que só pode bem servir ao seo domno, (...)”.

Mas, quando rejeitam os estrangeirismos, essas pessoas ignoram o fato de que a língua não é formada e muito menos reformulada por decretos e que, embora seja até certo ponto salutar coibir abusos e exageros, não faz sentido negar aquilo que é absolutamente natural, como a transformação da própria língua pela incorporação de elementos até então estranhos a ela.

Confirmando a tendência que há em se rejeitar vocábulos estrangeiros em outras línguas, podemos ainda citar um exemplo recente ocorrido no Brasil, quando o ex-deputado Aldo Rebelo elaborou o Projeto de lei 1.676/99, rejeitando o uso de vocábulos estrangeiros no Brasil e cujo conteúdo afirmava, em certo trecho, que esse projeto dispunha sobre a promoção e o uso da língua, ressaltando, ainda, seu caráter

de “defesa” desta. Atitude semelhante a essa, que revela uma certa prevenção contra a suposta invasão ocorrida dentro do hebraico moderno, também foi tomada há algumas décadas com a criação de um órgão especialmente elaborado para ser o regulador do uso desta língua, mas nem por isso, ela escapou da entrada de elementos externos em sua estrutura lexical.

O tema não é novo, também trataram dele, por exemplo, Rui Barbosa e Carneiro Ribeiro, duas eminentes personalidades da nossa história em sua discussão sobre o Código Civil brasileiro, nos capítulos denominados respectivamente “Réplica” e “Tréplica”. Este texto mostra a sua complexidade, pois nem mesmo Carneiro Ribeiro, pelo que nos informa a autora, tinha uma posição firme sobre ele, porque, embora parecesse ter uma postura favorável ao uso de expressões francesas na língua portuguesa, por vezes as rejeitava também.

Posição antagônica a esta é adotada pela Professora Marli Quadros Leite quando, referindo-se a estudos feitos sobre a evolução e renovação das línguas, reconhece essa necessidade, por serem elas objetos histórico-culturais<sup>42</sup>.

Enfim, quando se fala em língua, muitas questões vêm à tona e há que se separar aqui a língua em duas vertentes diferentes: a língua geral e a língua técnica, sobre a segunda, suas autoras tecem importantes considerações no livro *Introdução à Terminologia*.

Segundo Bocorny Finatto e Krieger, o termo *terminologia* pode ser grafado com “t” maiúsculo ou minúsculo, assumindo sentidos diferentes conforme o caso, significando tanto os termos técnico-científicos, quanto a área científica, técnica ou tecnológica, sendo, portanto, uma palavra polissêmica.

No último caso, a terminologia assume uma dimensão aplicada e prática, com a produção de dicionários e glossários.

Os primeiros trabalhos nos quais já se pode notar uma preocupação com a prática terminológica vêm do mundo oriental, pela menção que Van Hoof faz<sup>43</sup> a alguns trabalhos sobre a medicina publicados na Idade Média; um deles, *Explicações das palavras gregas em siríaco-árabe, de autoria de Ibn Bahlûl*, além de *O grande colecionador*, de Rhazes que mostra as designações dos órgãos e das doenças em

---

<sup>42</sup> LEITE, 1.996, p.9.

<sup>43</sup> Cf. VAN HOOF, 1.989,p.27-8.

grego, siríaco persa e árabe. O livro das explicações das designações de drogas de Maimônides (1.139 – 1.204) contém 405 designações de plantas em árabe, grego, siríaco, persa e berbere<sup>44</sup>.

No mundo ocidental, os primeiros trabalhos ligados ao léxico especializado datam da época do Renascimento, como *Glossário árabe-latino de termos médicos*, do médico Andrea Alpago (? – 1.520) e o *Livro dos segredos da agricultura* (1.617), de Miguel Agustí, contendo termos em latim, espanhol, catalão, italiano, português e francês.

Somente no século XVIII, os trabalhos de Lavoisier e de Berthold na Química e de Lineu na Botânica e Zoologia manifestaram claramente o interesse que os especialistas tinham em fixar a denominação dos conceitos; interesse esse, logo reiterado em colóquios internacionais organizados por zoólogos, químicos e botânicos na segunda metade do século XIX, em que eles demonstravam a necessidade de harmonizar a denominação dos conceitos<sup>45</sup>.

---

<sup>44</sup> Cf. ALVES, Ieda Maria: 1.990, p.89.

<sup>45</sup> CABRÉ, 1993. p. 21.

# 5

Alguns vocábulos do dicionário de  
Shoshan

E a contextualização histórica



### **Contexto histórico da fundação de Israel e tradução do vocabulário do dicionário.**

Para analisarmos as implicações do léxico que se origina do inglês, seja ele britânico ou americano, na língua hebraica moderna, principalmente nos períodos em que se concentra o nosso foco de interesse para essa pesquisa, é fundamental nos determos primeiramente em uma análise do panorama histórico da fundação de Israel e, ainda, naquilo que sabemos sobre o Israel contemporâneo, traduzindo, nesta seção, este mesmo vocabulário para termos maior clareza do sentido das palavras utilizadas nesta dissertação e, assim, podermos agrupá-las de acordo com nosso propósito.

Eisentadt demonstra que estudos eficazes sobre uma sociedade, voltados para resultados sócio-demográficos e estruturais da modernização implementada nas principais esferas institucionais, foram elucidados pelas ciências sociais. Esses aspectos da vida moderna são constatados pelo desenvolvimento de maquinaria, construções, bens de consumo etc., em resposta aos meios de comunicação de massas, mudanças de residência, urbanização, mudanças de ocupações agrícolas, alfabetização e crescimento de renda *per capita*.

Ao falarmos de uma sociedade, é importante considerarmos seus aspectos sociais, econômicos e políticos, levando em conta os problemas criados por essa mesma modernização e a capacidade de lidar com esses mesmos problemas.

O desenvolvimento da sociedade israelense não ocorreu por motivações econômicas, mas por se querer estabelecer um renascimento nacional e social em uma sociedade transformada e moderna.

Essa sociedade se desenvolveu a exemplo de outras, a partir de movimentos religiosos, nacionais ou políticos. Os grupos pioneiros sionistas, entretanto, não pretenderam estabelecer seitas ou ordens monásticas e, nesse aspecto, eles eram mais parecidos com os colonizadores puritanos da América do Norte nos séculos XVII e XVIII.

O desenvolvimento da sociedade israelense também pode ser analisado do ponto de vista de uma comunidade de imigrantes, tendo sido tanto o Ischuv, quanto o Estado de Israel constituído por ondas de imigração<sup>46</sup>.

---

<sup>46</sup> EISENSTADT, 1.977, p.34.

A fundação de Israel resulta do encontro entre os novos imigrantes e a estrutura institucional enraizada na ideologia pioneira<sup>47</sup>. Temos que considerar o *Ischuv* de duas diferentes maneiras: o velho e o novo *Ischuv*.

O velho *Ischuv* é a sociedade judaica tradicional da Palestina, e o novo consiste na sociedade que se desenvolveu ao longo das linhas nacionalistas que começaram com a primeira *aliá* (ondas migratórias) de 1.680. As *alioth* (plural de *aliá*) são ondas imigratórias que, a partir do fim do século XIX dirigiram-se a Terra de Israel. É também conveniente esclarecer que o *Ischuv* foi uma sociedade ideológica estruturada por pioneiros de uma elite intelectual.

Para entendermos como se iniciou o estabelecimento do Estado de Israel, temos que, em primeiro lugar, ter ao menos um conhecimento básico do que foram as *alioth*. Elas eram em número de cinco, e cada uma teve suas características próprias, influenciando de diferentes maneiras na formação do Estado.

Das cinco *alioth*, a que mais nos interessa é a última (quinta *aliá*), visto que se inicia em 1.932 e termina com o estabelecimento do Estado em 1.948, abrangendo, deste modo, todo o período da década de quarenta, período esse que interessa particularmente à nossa pesquisa, não significando, no entanto, que as outras quatro *alioth* não influenciam em nada nosso trabalho. No período que abrange a segunda guerra mundial (1.939-1.945), segundo Einsenstadt, a comunidade judaica teve participação marcante no esforço de guerra.

Um número bastante significativo de voluntários alistou-se junto às autoridades do *Ischuv* nessa época, não sendo aceitos, porém, pelos ingleses, o que mostra bem a influência do Mandato, que nada mais foi que a intervenção do governo inglês, de 1.923 a 1.948, no território onde foi estabelecido, alguns anos depois, o Estado de Israel. Cerca de 24.000 membros da *Haganá*<sup>48</sup>, treinados para servir unidades mistas árabe-judaicas alistaram-se no Exército Britânico. No fim da Guerra, houve uma piora imediata do conflito entre o *Ischuv* e os ingleses. Nessa época, houve uma luta pela imigração, que foi considerada pelos ingleses uma imigração ilegal.

---

<sup>47</sup> *Idem, ibidem*, tema central da análise do livro, p.35.

<sup>48</sup> Significa defesa, proteção. Foi uma organização clandestina criada para a autodefesa judaica na Palestina no período do mandato inglês.

Muitos imigrantes foram levados para a costa Palestina, enquanto os ingleses obrigaram navios a regressar para a Europa, a maioria para Chipre, tornando-se símbolo de grande luta.

Com a expansão dos *moschavim*<sup>49</sup>, as orientações sociais dessas colônias passaram a dar ênfase ao aspecto político e militar<sup>50</sup>, fazendo com que houvesse uma defesa organizada, além da expansão das colônias judaicas em novas áreas, e os elementos de caráter social tornaram-se secundários, embora considerados parte fundamental da colonização<sup>51</sup>.

Isto nos faz considerar a hipótese de que o vocabulário referente ao campo semântico militar no dicionário de Even-Shoshan em ambos os períodos considerados, nesta pesquisa (1.969 e 2.003), tenha tido sua motivação em virtude do contexto da segunda guerra mundial ou mesmo de guerras locais.

Fica evidente no texto de Eisenstadt que a comunidade judaica sempre quis se desenvolver de modo mais independente, sem nunca estar integrada à estrutura do Mandato e da convivência com a população árabe.

De acordo com o autor, para entender esse desenvolvimento durante a segunda *aliá*, que se cristalizara durante o Mandato, necessitamos analisar primeiro a relação das orientações culturais com a religião judaica e o renascimento da língua hebraica<sup>52</sup>.

Sobre o renascimento da língua hebraica e sua utilização no Ischuv, o que se pode dizer é que esse renascimento e a modernização da língua foram bem sucedidos.

O autor até mesmo se refere a esse fato como “algo sem precedentes nos anais da sociedade moderna”, embora também diga que não é sua intenção buscar explicações para ele. Mas Eisenstadt faz questão de enfatizar o caráter oficial da língua hebraica e a importância de seu uso para a sociedade israelense que acabava de surgir, referindo-se ao inglês apenas como a principal língua estrangeira sob a instituição do Mandato, o que não significa, no entanto, que a sociedade israelense não tenha sido influenciada, em alguma medida, por essa língua<sup>53</sup>, além disso, afirma-se em outra parte do texto, que o inglês era língua oficial na época anterior ao

---

<sup>49</sup>Significa uma aldeia ou colônia em bases cooperativas. Literalmente significa estabelecimento, colônia ou residência.

<sup>50</sup> Cf. *Idem, op.cit.*, p.68 final.

<sup>51</sup> Cf. *Idem, ibidem*, p.68 e 69.

<sup>52</sup> Cf. *Idem, ibidem*, p.70.

<sup>53</sup> Cf. *Idem, ibidem*, p.72-73.

estabelecimento do Estado<sup>54</sup>. Talvez esse tenha sido também o fator por meio do qual muitas palavras de uso geral tenham entrado no léxico hebraico, juntamente com o fato de o Mandato ter sido de longa duração.

O hebraico era a língua comum no *Ischuv* e adaptou-se aos problemas e à vida ocidental produzindo curiosidades lingüísticas<sup>55</sup>, ou seja, palavras forjadas com a finalidade de suprir novas necessidades de uma sociedade israelense devidamente adequada aos padrões da modernidade. Sobre a utilização da língua hebraica como meio de comunicação, ainda temos a informação de que foi a primeira geração que criou esse renascimento e a segunda e a terceira usaram a língua hebraica como língua natural. A importância do hebraico moderno para seus falantes nativos também é exaltada por Yaron Ezrari, quando comenta sobre o que seu avô dizia sobre o seu ressurgimento e institucionalização como língua falada cotidianamente no novo Estado: “Ele discutiu que o hebraico emergiria como uma língua viva da boca dos bebês, das interações espontâneas da primeira geração de crianças nascidas na comunidade falante do hebraico”<sup>56</sup>.

No *Ischuv*, além da preocupação com a língua a ser usada dentro de sua própria estrutura e no novo estado, houve também aquela de criar uma economia judaica completamente independente, mas o que se percebe é que a comunidade judaica na Palestina não era no fim da década de quarenta, uma sociedade independente e auto-suficiente. Havia uma interdependência dos vários setores e grupos e sua independência, na verdade, ocorreu no acesso a fontes externas para obtenção de poder e capital, inclusive dos E.U.A. Isso faz com que se creia que alguns vocábulos, principalmente da área de economia internacional, também tiveram uma maior facilidade para entrar no vocabulário hebraico nesse momento da história de Israel. Alguns desses exemplos são os vocábulos a seguir: שֵׁק/*cheq*/ **Check** – ordem escrita dada ao banco pelo dono da conta afim de depositar ou sacar certa quantia em dinheiro. Comparando os verbetes escritos em diferentes épocas notamos que há alguma diferença, entre os dois: no mais novo, há o acréscimo da תַּחְבּוּלָה termo utilizado para cheque em hebraico e ausente na versão mais antiga. Vemos também

---

<sup>54</sup> Cf. *Idem, ibidem*, p.478,479.

<sup>55</sup> Cf. *Idem, ibidem*, p.73.

<sup>56</sup> Cf. *Idem, ibidem*. A tradução é minha.

que há uma pequena ampliação do verbete no novo dicionário tratando do vocábulo em questão.

**שֶׁלִּינג Shilling** (xelim) Ex-moeda da Inglaterra, agora substituída pelo euro. Esta palavra não foi encontrada no novo dicionário.

**דוֹלָר Dólar** (moeda dos Estados Unidos). No dicionário antigo, há uma expressão, וְקִיִּסְקַמְבּ, que na se sabe a razão de ter sido colocada neste verbete, uma vez que não há nenhuma explicação para isso e que consta somente no dicionário de sessenta e nove, tendo sido retirada da outra versão<sup>57</sup>.

**בַּנְקוֹט Bank-note** papel com valor de moeda, do cartório ou do banco que serve para permitir sacar dinheiro a tempo. Neste verbete, não houve nenhum acréscimo ou supressão de palavras em nenhum dos dicionários.

**טְרוּסֵט Trust** – União, liga de donos de indústrias grandes de profissionais de determinado ofício para chefia de monopólio sobre a produção e a venda de produtos. Este verbete também não sofreu alteração alguma.

**קְלָרִינג Clearing** - pagamento de dívida. Este termo também aparece sem nenhuma alteração de significado.

**אֲבֵרְדְּרַפֵּט Overdraft** – (do inglês – sacar demais) – saque que ultrapassa o limite bancário de uma conta. Esse termo aparece apenas no dicionário novo.

Alguns setores importantes da vida israelense eram controlados pela Histadrut, que era uma abreviatura para o nome em hebraico da Confederação Geral dos Trabalhadores Hebreus da Terra de Israel, fundada em 1.920 e que reunia fundações sindicais cooperativas, securitárias e industriais.

O termo *ha ivrim* (hebreus) foi retirado em 1.960 de sua denominação, que passou a ser Confederação Geral dos Trabalhadores da Terra de Israel. Mas, para o autor, a Histadrut foi mais que um sindicato ou uma federação de sindicatos. Essa organização tratava de questões referentes ao trabalho e das disputas trabalhistas, mas seu propósito real foi criar condições para o desenvolvimento e organização de uma classe trabalhadora nova e privilegiada, ao invés de proteger os interesses de uma classe já existente.

A Histadrut se ocupava do treinamento para o trabalho agrícola; sobre a situação agrária de Israel naquele período, o escritor Rashid Kalidi se manifesta

---

<sup>57</sup> Cf. p.209.

dizendo que a Palestina estava cheia e esparsamente cultivada e ilustra essa afirmação com o que diz ter sido um *slogan* sionista largamente propagado: “uma terra sem povo para um povo sem terra.”<sup>58</sup>.

Mas as atividades sionistas não se restringiram apenas aos setores agrícolas, estas se estenderam para os urbanos. Esse fato determinou uma interferência da Histadrut em certos setores da economia urbana, afetando algumas esferas dessa organização.

Essa interferência é notada nos setores da construção de estradas que, apesar de haver iniciado suas atividades em 1.921, com a firma *Solel Boné*, expandiu-se significativamente durante a segunda grande guerra.

Durante o Mandato (1.922-1.948), vários setores se desenvolveram desse modo e é possível que o idioma inglês tenha contribuído em vários segmentos da sociedade israelense. Nesse período, a economia cresceu muito no *Ischuv*, como podemos notar por esse trecho do texto de Eisenstadt: “a lavoura mista se desenvolveu, no setor industrial foram estabelecidas fábricas, em contraste com pequenas oficinas; foram construídas usinas hidrelétricas, uma refinaria de sal, moinhos para a fábrica de produtos oleaginosos, a fábrica de cimento Nescher e diversas fábricas têxteis”<sup>59</sup>. Mais uma vez, pelo menos nesse último setor, podemos aventar a hipótese de haver surgido termos que passaram para o hebraico. **דייווט (דיווט) טוידר Tweed** tecido de lã branca fabricado na Inglaterra, feito para aquecer pessoas ou para esportes; **נילון Nylon** material sintético, flexível e forte fabricado através de polímeros (moléculas grandes). **דנדי Dandy** pessoa que cuida muito de sua aparência de seu vestuário para impressionar. Estas três palavras permaneceram com o mesmo sentido nos dicionários das diferentes épocas. **אוברול Overall** macacão; **אין In** – Aparece com mais de uma acepção (coloquial) que está na moda, aceito pela sociedade: hoje não é “in” vestir calça jeans rasgadas.. **אוט Out** fora; (coloquial) ultrapassado, fora de moda, antiquado... (coloquial) por fora do assunto... (coloquial) distraído que vive em seu próprio mundo sem se ligar na realidade... É uma palavra que está no grupo do vestuário porque pode representar o que está ou não na moda. As três últimas palavras acima são recentes no vocabulário hebraico.

---

<sup>58</sup> *Idem, ibidem*, p.101.

<sup>59</sup> *Idem, ibidem*, p.p. 60 a 63.

Em 1.923, houve a criação da firma *Mekorot Hevrat Haovdim*, o mais importante distribuidor e abastecedor de água do *Ischuv*. Nesse ano, devido à greve geral dos árabes, foi fundada a companhia de navegação *Zim*<sup>60</sup>.

Na sociedade que se desenvolveu no *Ischuv*, membros de vários movimentos aderiram aos seus símbolos e valores coletivos; eram pré-requisitos para a distribuição de empregos e fundos. No campo da política, isso também foi essencial para a ascensão à posição da elite e participação mais ativa. Segundo Einsenstadt, na esfera social, as associações voluntárias foram aparelhadas por metas mais amplas do movimento, o que é mostrado mais claramente nas organizações ligadas a algumas atividades profissionais, como a de professores, médicos e, até certo ponto, a de advogados, nas quais a proposta fundamental era criar “novas profissões hebraicas” que serviriam à nova comunidade<sup>61</sup>. A deficiência de recursos naturais e de capital para fins de investimento, a política de comércio livre e externo do governo mandatário e um pequeno mercado doméstico impediram o desenvolvimento de uma indústria em larga escala na Palestina. Os empreendimentos estabelecidos prosseguiram sob condições de falta de capital e equipamentos satisfatórios, por um lado, e condições favoráveis, por outro. A indústria recebeu um impulso nos anos trinta, quando novas ondas de imigrantes e capital vieram da Europa central e ocidental. Trouxeram também consigo o conhecimento necessário para operar modernos empreendimentos industriais. Para alguns ramos, tais como a lapidação de diamantes e a indústria têxtil, o *know-how* foi o fator principal de seu estabelecimento<sup>62</sup>.

O segundo grande impulso à indústria foi dado na segunda grande guerra, protegendo as fronteiras da concorrência e ampliando a procura. Os tecidos e o vestuário, os metais e os produtos químicos foram os ramos principais que se expandiram nesse período.

A Histadrut possuía cultivo misto, plantações de cítricos, indústrias do ramo de construção e transporte rodoviário.

---

<sup>60</sup> Cf. *Idem, ibidem*, p.78.

<sup>61</sup> Cf. *Idem, ibidem*, p.85.

<sup>62</sup> Cf. *Idem, ibidem*, p.120.

As principais orientações ideológicas nos campos econômico e institucional foram iniciadas no período da segunda *aliá* e desenvolvidas e consolidadas em formas institucionais incipientes sob o Mandato, principalmente no período da terceira *aliá*.

Também foram feitos aluguéis e assentamentos de terras, de acordo com determinadas medidas, o que pode ter gerado um léxico em inglês de padrões de medidas internacionais. O que sugere a incorporação dos seguintes termos:

Com a fundação do estado de Israel, houve também a criação de setores para servir o próprio governo: imprensa oficial, departamento de obras públicas, empreendimentos comerciais, serviços públicos econômicos do governo, tais como transportes (estradas de ferro, portos), comunicações (correio, telefone, telégrafo) e jurisdição de desenvolvimento de propriedades abandonadas.

A organização do setor habitacional era de especial interesse no contexto das atividades econômicas e um dos problemas principais das autoridades públicas. A imigração em massa gerou uma demanda no setor da habitação, o que propiciou a construção de pequenas moradias de qualidade e planejamento básico; várias unidades habitacionais temporárias foram construídas, como casas de madeira e lona, até 1.951<sup>63</sup>.

Algumas fundações foram assentadas previamente por agências colonizadoras, como é o caso de ferrovias, transmitidas pelo poder mandatário<sup>64</sup>.

Em Israel, havia mercados reguladores importantes: o mercado de trabalho, de mercadorias e de dinheiro. Foram instauradas políticas econômicas importantes, a saber: a monetária, a de crédito e a fiscal.

Além de direitos como o alfandegário e vários outros, está também o direito de greve. Não podemos, então, deixar de citar um importante fato histórico comentado por Eisenstadt em seu texto: a greve geral dos árabes, na qual dezesseis judeus foram mortos por uma multidão em Jafa, o que fez com que fosse fechado o aeroporto da cidade. O pensamento dos líderes árabes era o de prejudicar o Ischuv, o que não aconteceu.

---

<sup>63</sup> Cf. *Idem, ibidem*, p.145.

<sup>64</sup> Cf. *Idem, ibidem*, p.150.



Os direitos trabalhistas não foram restringidos, foram encorajados os acordos coletivos, bem como as relações de trabalho, tendo sido os trabalhadores registrados no ministério<sup>65</sup>.

Encontramos algumas palavras que pertencem a esse campo semântico que são as seguintes:

**ג'יוב** Job cujo correspondente hebraico é **עבודה** (avodá), significando emprego, trabalho.

Além de ser notável também o acréscimo de **וורקהוליק** **Workaholic** do inglês coloquial e utilizado para se referir a uma pessoa viciada em trabalho presente no dicionário novo, assim com **בוס** **Boss** que quer dizer chefe, diretor.

Embora o *Ischuv* tenha passado por períodos econômicos difíceis, houve, depois, uma crescente expansão da economia dentro dele com muitas atividades ocupacionais novas, tanto industriais, como de escritório e construção civil. O crescimento do *Ischuv* foi acompanhado de uma maior organização, assim como de uma estratificação social, com uma variedade de organismos coletivos, entre os quais: grupos ecológicos, associações voluntárias e organização de movimento amplo de fraternidade.

Desenvolvimentos semelhantes ocorreram em outras esferas, como serviços públicos, negócios bancários e comércio hoteleiro. Continuou a haver expansão nas profissões mais antigas, advocacia, medicina, magistério, engenharia, arquitetura e uma maior importância foi dada à área do serviço social<sup>66</sup>.

Entre os anos de 1.950 e 1.959, as despesas para a aquisição de alimento declinaram, enquanto que as referentes à saúde, à educação, aos cigarros, aos transporte e aos gastos pessoais sofreram elevação. Também passaram para o hebraico, palavras de origem inglesa para se referirem à alimentação; temos como exemplos disso as palavras abaixo:

**סנדוויץ** **Sandwich** Temos no dicionário “Milon hehadash” a idéia de que sandwich é feito com duas fatias de pão com algum recheio dentro.

**פודינג** **Pudding** O mesmo dicionário nos traz a definição desta palavra como um alimento cozido que tem alguns ingredientes como baunilha, ovos e leite. Novamente,

<sup>65</sup> Cf. *Idem, ibidem*, p.159.

<sup>66</sup> Cf. *Idem, ibidem*, p.214.

notamos uma pequena diferença entre um dicionário e outro: no mais atualizado, após o termo 'עשו' lemos, לרב מקמה ת'רס, enquanto que no anterior temos: עשו'מקמ-דגן, ou seja, há mudança total de um pequeno trecho. (port. pudim).

תה /têh/ **Tea** (chá, e do alemão *tee* – Shoshan essencialmente nos diz, tratando deste verbete, que o chá é uma planta que se originou na China, nos arredores de Pequim.

A diferença, neste caso, consiste nas frases, בה מ'ן לשת'ה e בה מ'ן לשת'ה, לשתיה רותחן Observamos, dessa forma, o acréscimo da palavra

**אינסטנט Instant** destinado ao processo de preparo rápido sem um cozimento prolongado: pudim instantâneo. Palavra que aparece na edição mais nova.

Uma importante instituição dentro da estrutura interna do estado de Israel foram os *Kibutzim*. À certa altura, houve algumas mudanças na organização social desses “locais”, com uma importância crescente do consumo privado ou familiar de refeições (especialmente chás à tarde, lanches etc.). É citado também o uso, em muitos *Kibutzim*, da cafeicultura comunal, em que se tentava restaurar o consumo público, em bases mais pessoais e informais do que em um refeitório<sup>67</sup>. Essa visão é contestada por alguns estudiosos, como Eliana Rosa Langer, que afirmou que as refeições eram realizadas coletivamente abrangendo todos os membros do assentamento<sup>68</sup>.

No que se refere à educação, o que podemos dizer é que aconteceram transformações significativas durante a primeira e a segunda *aliá*, mas não podemos deixar de lado o fato, conforme mencionado pelo Eisenstadt, de que as técnicas de ensino nos *kibutzim* eram semelhantes aos métodos utilizados pelos americanos. O autor diz também que um fator que influenciou a integração, tornando-se importante em etapas posteriores, foi a afinidade cultural e educacional a diferentes grupos de cultura predominantemente européia de veteranos, que moldou muitas das instituições israelenses. Aliás, quanto à situação educacional e cultural de Israel na atualidade, temos a seguinte informação dada por um estudioso atual: “Hoje, grupos como o ‘Friends of Israel Defense Forces’ levanta fundos nos EUA para dar suporte social a um programa educacional, cultural”<sup>69</sup>.

<sup>67</sup> Cf. *Idem, ibidem*, p.228.

<sup>68</sup> Essa afirmação foi feita em uma conversa ocorrida no dia 2 de julho de 2009.

<sup>69</sup> *Idem, ibidem*, p. 23.

Dentro do panorama educacional de Israel, o exército teve um papel bastante importante, haja vista que nessa instituição eram ministrados vários cursos (Geografia, Aritmética básica, História e matérias mais gerais). Também nesse caso, Shoshan nos mostra um leque significativo de palavras que tornam clara a relevância do exército de Israel dentro desta sociedade, comentando ainda sobre a atuação dos E.U.A. na atualidade, no sentido de colaborar com o alto nível tecnológico deste. E essa relevância foi reforçada pelos comentários de Mearsheimer e Walt: “o auxílio militar dos EUA ajudou a transformar as forças armadas de Israel numa das mais tecnologicamente sofisticadas do mundo.”<sup>70</sup>. Palavras como as que seguem, representam bem essa influência belicista:

**בונקר Bunker** - trincheira; **בזוקה Bazooka** - nome dado às armas que atacam tanques de guerra; **טנק Tank** - no dicionário Milon hadash, há várias acepções para esta palavra, sendo a que mais nos interessa, a seguinte: transporte de combate onde alguém fica em cima atirando ; há ainda, neste mesmo dicionário, o termo **טומהוק Tomahawk** que, segundo Shoshan, é um instrumento de guerra bem conhecido entre os índios na América do norte , na forma de um machado pequeno que ataca o inimigo. Nesse caso, também vemos acrescentado um pequeno trecho: **כ'ום שמן של טל**.

**Blockade** confinamento, corte de todo transporte de um determinado local, por meio de força militar para subjugar ou impor condições específicas. **מביבול Swivel** girador, tornel, suporte giratório para canhão; nenhum acréscimo ou nenhum decréscimo de palavra foi feito neste verbete ; **קומודור Command car** transporte caça; carro de caça de outros carros de guerra e onde vai o comandante da ação ou do exército de ajuda. Não deixamos de ter modificações aqui também, uma vez que são em certa medida, diferentes, aquilo que lemos em um dicionário e no outro, no final da definição do que é *command'car*. Assim, o dicionário de 2003 nos mostra o seguinte: **במקלעם וכ'וצא באלה וכה צ:ות של ח'לם**

;**טומיגן Tommy-gun**. Esta última consta somente no dicionário atual, mais recente, com a acepção de uma espécie de submetralhadora. Porém, em razão de a maioria das palavras de cunho militar terem aparecido no dicionário já em 1.969, pode-se considerar a hipótese de estas palavras terem sido adicionadas em seu conteúdo, em

<sup>70</sup> MEARSHEIMER & WALT, 2.008, p.32 (A tradução é minha).

razão de sua edição se situar em uma época imediatamente posterior à segunda guerra mundial, ou em função de guerras locais havidas logo após a fundação do estado de Israel, em 1.948.

No âmbito da educação superior, houve a construção do Instituto de Ciências Weizmann, importante centro de pesquisas no campo das ciências naturais, entre as quais podemos citar a Biologia, a Física, a Química, a Astronomia e Geologia. Este era formado por vários departamentos, dentre os quais, um de linguagem terminológica. Isso, por si só, pode indicar a relevância que certos termos, principalmente os usados em inglês estavam ganhando dentro de Israel, incorporando-se aos vários campos do saber e até substituindo possíveis usos de palavras em hebraico. Na área da Física, temos os seguintes termos: **כח-סוס Horse-Power**, cavalo-vapor. Na Biologia, temos **טיק Teak** (port. teca) árvore grande e alta originária da Índia, além dos nomes de alguns animais: **בולדוג Bulldog** – O verbete relativo à palavra *bulldog* permaneceu inalterado na mais nova edição do dicionário de Even Shoshan, descrevendo o animal como um cão bravo e destacando algumas características físicas dele como cabeça grande, focinho achatado e pernas curtas, além de dizer que ele é um animal valente e corajoso; **פינגוין Penguin** (port, pingüim) ave marinha que vive na costa do mar de inverno no sul ; **פוני Pony** (port. Ponei) uma espécie de cavalos pequenos e de baixa estatura, (com uma segunda acepção coloquial: cabelo que cobre a testa e cortado em linha reta, como a crina da testa do cavalo.) Só encontrado em 2.003. Foram, então, estabelecidas as nomenclaturas técnico-científicas escritas com componentes do latim e também do grego, com o aparecimento de termos de Botânica e Química, com a finalidade de estabelecer uma terminologia padronizada e diferente do léxico comum. Os termos, ora utilizados no âmbito das ciências naturais, são indício dessa diversificação. Em se tratando de política, durante o Mandato, organizações políticas mais concretas desenvolveram-se.

O governo local iniciado no Mandato foi ampliado e democratizado desde o estabelecimento do estado. O parlamento aparece, então, como a suprema representação formal, mas não real, do governo. Ele é uma câmara, constituído por cento e vinte membros, cujos poderes não são limitados nem pelo veto presidencial e nem pela Suprema Corte. Esse parlamento ao qual nos referimos é o kneset. O vocabulário ligado à política ligado ao inglês, possui mais elementos e citamos um

deles que é דומיניון Dominion - (do inglês – governo), que significa: cada uma das nações que possuem um governo completamente independente, que fazem parte do império britânico: Austrália e Nova Zelândia. Permaneceu com o mesmo sentido nas duas épocas, assim como aconteceu com טורי Tory, nome dado ao membro de um grande partido, na Inglaterra dos séculos XVII a XIX, que se apoiava principalmente em donos de terras e de grandes fortunas. Seus opositores eram os Vikings. Esse partido serviu de base para o atual partido conservador. אדמיניסטרציה Administration (do inglês, através do latim) 1. direção, administração 2. sistema governamental da nação, funcionários de governo.

O fato de estas três últimas palavras estarem presentes nos dicionários parece indicar a forte influência exercida pelo mandato inglês em Israel na acasião da fundação de Israel, fazendo com que elas permaneçam até hoje como parte do vocabulário dicionarizado da língua hebraica.

Com a mobilização para a fundação do Estado de Israel e até, finalmente, seu estabelecimento concreto, vários partidos políticos de diferentes orientações surgiram, cada um deles procurando atuar e interferir em cada uma das áreas e organismos da vida israelense; o *Poalei Agudat Israel*, por exemplo, tinha o controle de aldeias rurais e escolas agrícolas<sup>71</sup>. O *Poalei Agudat Israel*, até o estabelecimento de Israel, não manteve muito contato com os sionistas, segundo Eisenstadt, excetuando-se algumas autoridades políticas que eram orientadas pelos ingleses, como se pode notar novamente e esse partido recebia apoio do *Ischuv* mais velho.

Muitos dos partidos mencionados anteriormente criaram a vasta rede de oportunidades econômicas em forma de bancos, projetos de moradias, fundos de empréstimo e um número regular de empresas agenciadoras de empregos.

Houve desenvolvimento da administração governamental e o contínuo crescimento do pessoal do setor administrativo do governo. Ministérios e unidades administrativas foram criados, como o do comércio, o do desenvolvimento e o do tesouro.

No período do *Ischuv*, os grupos religiosos tentaram estabelecer contornos religiosos em alguns aspectos da vida pública. Esses grupos faziam algumas exigências que foram intensificadas a partir das eleições de 1.956. Eles reivindicavam

---

<sup>71</sup> Cf. *Idem, ibidem*, p.371.

que fosse promulgada a primeira lei geral do *Shabat*, “dando plena sanção aos diversos acordos locais”<sup>72</sup>. Essa controvérsia estava enraizada na posição monopolizadora do rabinato, nas relações com as organizações judaicas não ortodoxas do exterior, especialmente no caso dos E.U.A. Isso denota que havia uma significativa movimentação dos religiosos judeus (com a finalidade de garantir seus direitos) e que, mesmo essa luta se intensificando somente em 1.956, esta já estava intrinsecamente ligada aos religiosos dos E.U.A.

Tendo em vista que a comunicação é igualmente um aspecto de fundamental importância para qualquer sociedade, principalmente no caso específico do jornalismo, não é de se estranhar que a circulação de jornais em Israel no período do Mandato aumentou.

No período da segunda e terceira *alilot*, houve a institucionalização de várias atividades culturais no *Ischuv*, com a cristalização de alguns aspectos culturais, inclusive quanto à utilização do idioma hebraico como língua materna.

A importância do aspecto cultural no *Ischuv*, ou no então recém-criado estado de Israel é exemplificada nos vários campos da arte e da cultura. O autor menciona esses fatos citando a prosperidade da música, danças folclóricas e similares da orquestra da rádio de Israel, assim como em alguns comentários que faz sobre esses assuntos, como o fato de que tanto o consumo quanto a produção, principalmente nas áreas de literatura e da música estavam ajustados para a criatividade musical universal mencionando o fato de que na Orquestra Filarmônica de Israel, uma série de regentes eram estrangeiros e seu repertório era internacional<sup>73</sup>. Sobre o panorama cultural de Israel, Eisenstadt faz o seguinte comentário: “A interioridade da criatividade cultural obstruiu, em certa medida, o fato de que mesmo no começo da era mandatária, desenvolveram-se algumas diferenças entre as os papéis culturais, bem como entre produção e consumo nessas mesmas esferas, tal como faz o apelo muito forte e contínuo ao exterior; isto é, aos vários centros e fontes européias e americanas.”<sup>74</sup>.

No que se refere a um vocabulário cultural oriundo de língua inglesa que tenha entrado no léxico do idioma hebraico, encontramos apenas mais recentemente a

---

<sup>72</sup> Cf. *Idem, ibidem*, p.463.

<sup>73</sup> Cf. *Idem, ibidem*, p.472.

<sup>74</sup> *Idem, ibidem*, p.465.

palavra **בסט-סלר** Best - seller, cujo sentido consta no dicionário apenas mostrando as palavras em hebraico que correspondem à expressão “o mais vendido” . **בוק** , que também está presente na mesma edição, aparece, porém, com outra acepção, remetendo ao álbum de fotografias feito pelos modelos masculinos ou femininos.

**רוטרי Rotary** de rotação; devido aos encontros que se realizam periodicamente nas casas ou nos escritórios de seus membros). Nome do clube de comerciantes, industriais e de profissionais liberais, que tem como finalidade cuidar das relações sociais e culturais, este foi fundado em Chicago em 1.905. Os clubes Rotary existem. Esta palavra está aqui por causa de sua menção a questões culturais. Encontra-se esse termo nos dois dicionários, apresentado da mesma maneira. **קלוב Club** local de encontro destinado a algum grupo determinado de pessoas para investigar problemas, conversar com amigos ou para se divertir: clube de um partido, clube de artistas ou de escritores. Aparece em 69 e em 2.003 da mesma maneira.

Desenvolveram-se também novos tipos, que o autor denomina de “mais periféricos” de participação cultural: o desenvolvimento dos esportes populares como atletismo e futebol americano são exemplos desses casos<sup>75</sup>. A denominação de práticas desportivas variadas ganharam os seus correlatos e essa formas estão aqui demonstradas com as devidas definições dadas por Even Shoshan, a exemplo de outras que constam neste texto:

**בוקס Box** socos, esporte de luta que envolve socos; **הוקי Hockey** - jogo de competição entre dois grupos, usa-se um bastão para fazer ir a gol uma bola de brinquedo que é achatada. (port. Hóquei); **טניס Tennis**, jogo realizado entre dois jogadores que usam raquete para arremessar bola por cima de uma rede; **פולו Polo**, esporte que se realiza sobre um cavalo, tal como hóquei (port. Pólo); **פונג-פינג Ping-Pong**, tênis de mesa jogado com raquetes sobre uma mesa lisa e grande (port. pingue-pongue); **כדורגל Kadureguel** futebol; esporte realizado entre dois times, em que se chuta a bola até atingir o gol; **רנבי Rugby** Esta expressão, segundo Shoshan designa um jogo de competição de futebol entre dois times, cada qual com quinze jogadores. O acréscimo apresentado no campo dos esportes deu-se com a palavra **סקווש Squash**, que é um jogo para dois ou quatro jogadores, em que se

---

<sup>75</sup> Cf. *Idem, ibidem*, p.475.

arremessa com força uma pequena bola na parede de borracha, utilizando-se uma raquete semelhante à de tênis.

A pluralidade nos padrões culturais da sociedade é vista em vários aspectos, nas línguas faladas, vestimentas (principalmente as de feriados), nas diferentes entonações do hebraico e nos padrões de consumo cultural. Além disso, pode ser vista na transformação de padrões tradicionais da organização social, aparecimento de grupos “étnicos”, líderes em assuntos políticos e culturais. Mas esse pluralismo cultural não é, de modo algum, restrito somente a elementos “étnicos judaicos” específicos, tradições de grupos ou padrões de vida diária, uma vez que as forças na orientação para a cultura e tradições européias possuem a mesma importância. Uma das formas de manifestação cultural que podemos citar é o cinema que exportou três de suas formas para a língua hebraica: **סנימה Cinema**: lugar onde se projetam filmes, A tradução de cinema na edição de 2003 foi reduzida; **פילם Film** filme de cinema, uma película exibida em cinema. No entanto, nota-se que há um vocábulo que passou a figurar mais recentemente no *Milom he hadash*, trata-se de **סנימסקופ Cinemascope**, um método de fotografia moderno da indústria cinematográfica.

Os padrões culturais dominantes enfraqueceram a orientação cultural “latina”, especialmente a francesa, principalmente entre grupos sefaraditas mais antigos. Somente com a influência de novos imigrantes, aumenta o potencial para a sua revivescência<sup>76</sup>.

É importante destacar o papel da imprensa na formação de um novo estado. Havia um mercado considerado seguro para os jornais de língua estrangeira, inclusive um em inglês. O dicionário de Even Shoshon também registra em suas páginas um vocábulo cujo significado podemos sintetizar como o nome dado a uma publicação especial, **Scoop** além de citar também a palavra **מונוטיפ Monotype**, para *designer* de letra, símbolo de imprensa; linotipo, em inglês.

O número de jornais publicados dependia do número de partidos políticos. Não podemos esquecer da ênfase dada nessa época ao desenvolvimento de várias profissões. Além do jornalismo, houve também o crescimento do número de cientistas e de instituições científicas governamentais de pesquisa e, como já foi dito, da

---

<sup>76</sup> Cf. *Idem, ibidem*, p.476.



indústria, desenvolvimento esse que continuou até os dias atuais, como enfatizam Mearsheimer e Walt [...] “Israel é agora um poder industrial moderno”<sup>77</sup>.

A sociedade israelense em sua formação possuía características peculiares, mas também compartilhava algumas com outras sociedades, como as dos E.U.A. e as dos domínios britânicos<sup>78</sup>. Dentre essas características, podemos destacar a de ênfase na igualdade, desenvolvimento de forte concentração em atividades econômicas e educativas em estruturas amplas unificadas e organizacionais, e acentuação do sionismo da conquista de terras incultas.

Finalmente, há que se dizer, ainda, que se aproximaram dos padrões ingleses a combinação de sindicatos e atividades industriais e também financeiras do empresariado e outros movimentos trabalhistas politicamente orientados. O que podemos concluir dessa explanação é que assim como a Inglaterra exerceu um papel de grande relevância histórica e lingüística durante a fundação de Israel, hoje quem o faz são os Estados Unidos, haja vista o vocabulário atualmente utilizado, que engloba um número significativo de palavras que tiveram sua origem no inglês e passaram para o hebraico em decorrência da situação geopolítica, envolvendo nos anos quarenta e cinquenta a Inglaterra e Israel e, atualmente, este último e os E.U.A. Reflexo do vocabulário americano são as palavras mencionadas a seguir, que dizem respeito ao universo tecnológico da computação e que é composto somente por palavras encontradas na edição de 2.003:

No que diz respeito à informática, encontramos, no mais recente dicionário de Even Shoshan, referência a **פּ-ס' Personal Computer**, computador pessoal, embora haja o termo hebraico **מחשב** para designar computador.

Há também outros termos que se ligam a esse campo de palavras, que podemos chamar de tecnologia computacional, como, **מגביט Megabayt** unidade de milhão de *bytes* aproximadamente e **טונר Toner**, tinta que serve para impressora a laser e para máquinas de xerox.

Pode-se, ainda, mencionar o termo **קליק Clic**, sempre lembrado quando pensamos em tudo aquilo que se refere a computador, significando em computação uma pequena pressão sobre o *mouse*: com um clique se pode apresentar o correio

<sup>77</sup> MEARSHEIMER & WALT, 2.008, p.30. A tradução é minha.

<sup>78</sup> Cf. *Idem, ibidem*, p.512 e 513.

eletrônico. Mas tendo ainda os seguintes significados: (coloquial) uma ligação espontânea entre duas pessoas: logo no primeiro encontro houve um clique entre eles. (coloquial) som de uma breve batida, em geral metálico: o trinco da porta fez um clique ao se abrir.

Por fim, em se tratando do universo da computação, temos ainda a palavra **אינטרנט Internet**, (do inglês – entre redes) Em hebraico, também, rede mundial de computadores que possibilita a comunicação e a transmissão de dados entre todos aqueles que estão ligados nela. Uma palavra que consta somente no dicionário novo pelo fato de o computador fazer parte de uma tecnologia recente. **אינסרט Insert**. Esta palavra tem três acepções; inserir uma folha ou um folheto em um jornal ou artigo; inserção de um texto fotografado ou gravado em um programa de televisão no momento da edição; tecla do teclado do computador que permite inserir sinais sem apagar os sinais existentes. A última palavra, insert, aparece apenas no dicionário novo. O avanço tecnológico é notado também pelo vocabulário incluso, que denota a existência de aparelhos eletrônicos, muito utilizados no mundo moderno, especialmente aqueles que emitem e propagam sons ou tocam música, como no caso de **ווק טוק Walkie-talkie** aparelho; rádio telefônico, recebe e transmite; colocado em uma bolsinha que serve para ser carregado a pé ou em viagens e **וולקמן Walkman** nome comercial de rádio que se coloca nos ouvidos. Apesar de haverem ocorrido acréscimos na edição atual considerada, vimos que a maioria das palavras que constavam do vocabulário de nosso interesse e que foram registradas na edição de sessenta e nove do dicionário utilizado, ainda constam na edição atual.

Quanto ao que encontramos no dicionário mais recente, o que vimos nos mostra sensíveis acréscimos a esta língua, que, como todas as outras está sempre se modificando e retratando novas necessidades, assim como novos costumes e valores.

### **Semântica: modificações de sentido de algumas palavras em hebraico.**

Algumas palavras do idioma hebraico sofreram alteração de ordem semântica, o que foi sinalizado por Raphael Sappan<sup>79</sup>. Ele cita como exemplos a palavra *pantsher*, derivada de *puncture*, que além de significar, segundo ele, a perfuração de um pneu de automóvel, ainda quer dizer qualquer infortúnio, acontecimento adverso. Imprevisto ou circunstância desfavorável. Também há *trempe*, derivado de *tramp* (que quer dizer vagabundo, mas que também carrega este sentido de viagem) e que, por influência do alemão, passou a significar “viagem de carona” originando *trempe*, aquele que viaja de carona e, nesse intercâmbio de línguas, ele ainda menciona *flik*, do ídiche e do inglês. Importante destacarmos a presença de *cricket*, que, apesar de parecer se tratar da palavra grilo, em inglês, é colocada aqui apenas com o sentido do conhecido jogo e de *bristol* que, ao contrário do que possa parecer à primeira vista, não está registrada em nosso dicionário de pesquisa como uma cidade do noroeste da Inglaterra, mas sim como cartolina e ainda: nome para papel grosso, liso e adequado para colar e desenhar e está presente nos dois dicionários<sup>80</sup>.

#### *Linguagens centrais e linguagens setoriais*

É importante notar também que, ao se analisar o léxico do hebraico Israelense, se faz necessário distinguir entre o que Rozenchan denomina de “linguagens centrais” e setoriais. Como exemplo de linguagem setorial, ela cita alguns campos que serviram para identificá-las como comunidades religiosas, de acontecimentos sociais, acadêmicos, *high-tech*, *internet*, *chat*, influências da intifada na linguagem do exército, universo das drogas, etc, em que cabem algumas das palavras utilizadas no léxico desta dissertação.

A linguagem central seria o que é de conhecimento de todos que usam um espaço público comum. Ela diz que “O hebraico Israelense não é a ‘linguagem central’ e nem uma substituta, mas o conjunto todo, o sistema de relações, e quanto uma língua alimenta outra. Ela é definida em termos de processo ou de acontecimento

---

<sup>79</sup> SAPPAN, S. D., p.47.

<sup>80</sup> Por esse motivo Brit que quer dizer inglês, o que está na Inglaterra, o termo vem de British, britânico foi retirado do grupo em que estava com Bristol.

e não de um código lingüístico demarcado”<sup>81</sup>. Somente poderemos saber se uma língua é mais aberta ao recebimento de vocábulos estrangeiros se analisarmos sua estrutura ou suas palavras dentro dessa mesma estrutura.

### *Considerações sobre a semântica e a fonologia no hebraico moderno*

Analisando a estrutura das palavras em hebraico, David Tene fez uma comparação do hebraico clássico com o que ele denomina hebraico Israelense<sup>82</sup>. O pesquisador mostra que estes se diferenciam na fonologia e na semântica e que a fonologia teria ficado parcialmente ‘dessemitizada’ e a semântica, europeizada. Isso, no entanto, não teria descaracterizado o hebraico moderno (ou israelense, como querem alguns), nem tirado sua identidade como língua semítica.

Sobre o aspecto fonológico, Rozenchan faz uma série de considerações. Ela se refere à ocorrência de uma “refonologização” do hebraico na atualidade, dizendo que “A americanização de Israel de hoje é clara na refonologização distintiva de Internacionais de Israel”<sup>83</sup>. Inicialmente, segundo ela, essa “refonologização” baseou-se em idiomas como o ídiche, o russo e o polonês, mas que agora demonstra sinais de americanização.

Logo, em seguida, a pesquisadora cita uma forma de internacionalização de um vocábulo pré-existente que, no aspecto fonológico, foi substituído por uma forma americana: a pronúncia da palavra “respeito” antes era “*respekt*”, mas atualmente se diz “*rispekt*” que é a pronúncia norte-americana<sup>84</sup>. Também no caso da nova moeda européia, o *euro* אֵירוּ , (do vocabulário de economia) que seguiu a maneira de como se pronuncia “Europa” (Eiropa, em hebraico), sendo chamada inicialmente de “*euro*”, mas depois se modificou para “*yúro*”, com base na pronúncia inglesa.

Mas, conforme Tene, além do campo da fonologia “a derivação das palavras e, especialmente, suas inflexões também demonstram oferecer grande resistência à

---

<sup>81</sup> ROZENCHAN, 2.006, p.82.

<sup>82</sup> A denominação hebraico Israelense é usada também pela professora Nancy Rozenchan e pelos estudiosos Ghil’ad Zuckerman e Ruvik Rosenthal, sendo que para este último, trata-se da língua trivial, utilizada no dia-a-dia.

<sup>83</sup> Idem, idem, p. 88.

<sup>84</sup> Idem, ibidem, p. 88.

influência de antecedentes lingüísticos estrangeiros dos predecessores bilíngües”<sup>85</sup>. Quanto à estrutura interna das palavras, as línguas semíticas, incluindo o hebraico clássico, são totalmente diferentes das não semíticas, como, por exemplo, das línguas européias; em inglês, a palavra não composta pode ser tanto uma unidade mínima portadora de significado (um monema como “act”) como uma forma lingüística de mais de um monema. Além de todas as questões já expostas, é possível verificar também, pelo que nos mostra Rozenchan, que no hebraico vêm acontecendo modificações no aspecto morfológico das palavras, no que concerne aos sufixos.

*Morfologia: modificações de sufixo em hebraico moderno.*

Nancy afirma: “Para um último exemplo da americanização, [...], valho-me de um modelo apresentado por Zuckermann. Trata-se do sufixo não dicionarizado ‘ation’ (em inglês), o nosso sufixo ‘ação’, que vem entrado com força no lugar da forma hebraica tradicional de substantivação ‘átsia’, que tem exatamente o mesmo sentido. O exemplo está montado a partir de um termo coloquial hebraico no original, ‘magniv’, da raiz g-n-v do verbo ‘roubar’, que, na construção verbal de *hif’fil*, significa ‘passar ou transferir secreta, furtivamente’. Em algum momento, este verbo, na forma do presente, ‘magniv’, na função de adjetivo ou atributo passou a ser usado como um coloquialismo, significando maravilha, jóia, legal, o máximo, de primeira classe, emocionante. Agora o mesmo ‘magniv’ vem sendo substantivado com o sufixo inglês ‘ation’. O neologismo americanizado é ‘magnivation’, tornar ou tornar-se legal, emocionante.”<sup>86</sup>

O que podemos notar com todos esses exemplos é que mesmo havendo dificuldades na língua hebraica em adaptar-se a certas estruturas lingüísticas, o hebraico moderno ou israelense mostra-se receptivo a receber influências do idioma inglês, incorporando não só os vocábulos deste, como adotando sua pronúncia, assim como seus sufixos, como foi exemplificado acima. Isso confirma mais uma vez a idéia de que, por mais que se queira manter uma língua “pura”, é impossível “frear” seu

---

<sup>85</sup> TENE, S. D., p.82.

<sup>86</sup> Idem, ibidem, p. 89.

movimento natural, resultado da interação e trocas, não somente lingüísticas, mas também culturais e sociais.

Quanto à análise dos vocábulos presentes nesta dissertação, foi visto que são estrangeirismos da classe gramatical dos substantivos, porém *meeting* está ligado a uma forma verbal: *to meet*.

*Algumas considerações sobre procedência de palavras, inglês americano e inglês britânico e processo de formação de palavras em inglês.*

Às vezes, ao se examinar um estrangeirismo, nota-se que ele não veio diretamente da língua que pareceu vir, mas que já havia passado por outra (empréstimo duplo), ou até por mais de uma língua, antes de chegar àquela que é nosso objeto de análise. No caso das palavras presentes nesta dissertação, cujo foco é a língua hebraica e suas implicações com a língua inglesa no que tange ao léxico emprestado à primeira, (a língua hebraica), percebe-se a existência de algumas delas, as quais apresentaremos a fim de tornar o trabalho mais completo. Uma obra importante desta área, o livro "Neologismos de língua inglesa", da professora e especialista Martha Steinberg, serve de respaldo para a análise de alguns dos exemplos em questão, a fim de que se possa esclarecer o percurso pelo qual passaram essas palavras do inglês, até chegarem no idioma hebraico, assim como verificar quais delas pertencem ao léxico do inglês americano e do inglês britânico e apresentando ainda, à medida do possível, os processos de formação lingüística que originaram essas palavras.

A palavra *film* tem origem no inglês americano, por causa de Hollywood com afirma Steinberg<sup>87</sup>. Digna de nota é também a palavra *squash*, uma redução de *askutasquash*, presente em nosso trabalho com o consagrado sentido de um esporte aquático, mas que no livro da professora Martha aparece também como um empréstimo de língua dos índios americanos e com o sentido de "abobrinha". Segundo a professora, em 1.884, os holandeses já haviam se estabelecido no vale de Hudson. Isso, certamente, trouxe palavras do léxico holandês para o inglês. Como

---

<sup>87</sup> STEIBERG, 2.003, p.14.

exemplo disso, temos *boss* e *dollar*, ambas do inglês americano. *Tomahawk* é uma palavra de origem indígena, portanto, americana e que também passou a verbo<sup>88</sup>.

A palavra *box* é do inglês britânico<sup>89</sup> e *penguin* é de origem desconhecida. Já *strip-tease* é um composto do inglês americano<sup>90</sup>.

*Brit* também é uma redução de *British* que, nesse caso, a autora chama de compartilhada que são as reduções de vocábulos feitas tanto no inglês britânico quanto no inglês americano. *Bunker*, assim como *Bazooka* também é palavra americana.

*Riff*, de *refrain*, também é uma redução compartilhada, significando refrão no inglês britânico e no americano, mas pode ser ainda aquilo que se chama de “reduções idênticas de fontes diferentes” significando rifle, no americano.

*Administration* ( אדמיניסטרציה ) foi para o hebraico pelo inglês, através do latim, significando direção, administração é também sistema governamental da nação, funcionários de governo.

A expressão *boogie-woogie*, do inglês americano, é uma reduplicação com alternância consonantal, assim como *pic-nic*; ambas as reduplicações são tanto do inglês britânico, quanto do americano.

Outro processo de formação de neologismos de língua inglesa é o *blend* em que se juntam partes de palavras é o caso de *workaholic*, termo americano formado por *work* (trabalho) e pelo sufixo *holic* da palavra *alcoholic*<sup>91</sup>.

*Palavras que chegaram ao hebraico advindas do inglês e que passaram por outras línguas*

O exemplo de מברשת **Micheveret** (do inglês brush) remete aos casos em que vocábulos ‘migram’ de um idioma para outro. Este termo, que significa escova, surgiu a partir de palavras correspondentes de línguas não semíticas: alemão *burst*; francês *brosse*; ídiche *barst* e árabe *fursa*, empréstimo do turco.

<sup>88</sup> Cf. *Idem, ibidem*, p.32.

<sup>89</sup> Cf. *Idem, ibidem*, p.38.

<sup>90</sup> Cf. *Idem, ibidem*, p.43.

<sup>91</sup> Cf. *Idem, ibidem*, p.104.

תה **Tea** significa chá e, segundo Shoshan, passou pelo alemão, ídish, chegando no inglês.

**סנמה Cinema** é uma redução britânica do termo *cinematograph*, cuja origem é grega *cinematograph* do grego *kinema(tos)* + *graphein*. פולו antes de chegar ao hebraico, pelo inglês, veio do indiano “אנגלית : פֶּלוֹ מְהוּרִית”<sup>92</sup>.

A título de curiosidade, apresentamos alguns exemplos também de palavras que pertencem a outras línguas como o italiano, o francês e o russo, mas que foram para o inglês e também chegaram à língua hebraica, são elas:

ממותה **Mamoth** (port. mamute), קומודור **Commodore**, רַקֶּטָה **Raqueta**,

### *Decalques*

Esses decalques em hebraico apresentam-se como vocábulos formados seguindo o padrão de formação das palavras correspondentes em sua língua original, assim:

כדורגל **Kadureguel** expressão hebraica que veio de *kadur* = bola + *reguel* = pé do inglês britânico *football*.

כח-סוס **de Horse-Power**, cavalo-vapor (ou cavalo de força) *qah* = força + *sus* = cavalo.

Eisenstadt afirma que, na década de sessenta, as aspirações dos jovens demonstravam tendências as mais variadas. As categorias profissionais são as mais diversas, há pessoas ligadas a atividades artísticas (como pintores e músicos). É evidente que o léxico do hebraico moderno também foi afetado por estas interferências culturais artísticas e musicais reveladas com a incorporação de um novo vocabulário, com palavras também muito utilizadas em várias partes do mundo ocidental.

---

<sup>92</sup> Cf. EVEN-SHOSHAN, 1.969, p.1.041.



# 6

## Vocábulos referentes a estilos e ritmos musicais

### *Análises dos vocábulos*

Temos por objetivo, nesta seção, tratar de alguns verbetes que aparecem nos dicionários de Even Shoshan dos anos de 1.969 e 2.003. Eles refletem a utilização atual e frequente de vocábulos de origem inglesa no mundo inteiro, da qual Israel também não escapou.

Os termos escolhidos para essa análise são: *foxtrot*, *boogie-woogie*, *jazz*, *rock 'n' roll*, *twist*, *rap* e *tecno*.

As outras palavras que aparecem nos dicionários, porém, assim como suas definições não serão consideradas somente de maneira isolada, mas analisadas atrelando-se seus significados ao contexto do *rock*.

Desse modo, faremos alguns comentários do período da história do *rock* compreendido entre 1.954 até 1.969, ano da publicação do dicionário de Even Shoshan e apoiamo-nos em dois livros para explorar os sentidos dos verbetes em estudo: **Breve história do rock**, de Ayrton Mugnaini Junior, e, principalmente, **Rock and Roll: uma história social**, de Paul Friedlander, sem fazer nenhuma análise exaustiva dos conteúdos presentes nestes livros, pois isso fugiria do nosso propósito nesta dissertação, mas apresentando alguns dados importantes para a compreensão do tema e das épocas tratadas, contextualizando-as, e comentando alguns fatos que respaldam a análise dos verbetes escolhidos.

#### *Foxtrot*

Em 1.955, Bill Haley liderava a cena musical, tendo seu *hit*, *Rock around the clock* na lista das vinte mais. Esta música foi lançada primeiramente como um foxtrot, que, como observa Mugnaini, era o nome dado a toda canção pop em compasso quatro por quatro.

O verbete de Even Shoshan confirma a afirmação de que foxtrot é um ritmo de compasso quatro por quatro e há duas acepções para a palavra no dicionário; na primeira, foxtrot aparece como uma dança e na segunda, como uma melodia, vejamos:

### **פּוֹקְסוֹטְרוֹט Foxtrot**

1. Dança difundida de compasso quatro por quatro, dos anos vinte deste século.
2. Melodia adaptada para esta dança.

O foxtrot não está presente no dicionário mais recente, talvez, por tratar-se de uma dança ou melodia muito antigas, portanto, já fora de moda.

Neste verbete, que se encontra somente no dicionário de 1.969, Shoshan também cita a época do surgimento do foxtrot, os anos vinte, contudo, ele diz que ela é uma dança “deste” século (século XX), uma informação que é perfeitamente cabível em um dicionário editado na década de 1.960, mas totalmente anacrônica para os dias de hoje.

### *Boogie-woogie*

**בוֹגִי-וּוּגִי Boogie-woogie**, estilo específico de se tocar a melodia do jazz no piano, especialmente ativando as notas baixas em diferentes ritmos. Palavra presente apenas no dicionário novo.

O pesquisador Ayrton Mugnaini Jr. faz comentários sobre o Boogie - woogie que estão de acordo com as afirmações contidas no **Milon hehadash**, no qual este estilo musical aparece definido como uma melodia de jazz. Ele menciona também o fato de o Boogie-woogie ser uma música tocada ao piano, referindo-se também às notas baixas com a qual se toca este ritmo e, quanto a este último, emprega o adjetivo “diferente” para qualificá-lo.

Even Shoshan, assim como Ayirton Mugnaini, esclarece o local de onde veio o boogie-woogie, este último, no entanto, traz outras informações que nos auxiliam em uma caracterização um pouco mais completa deste estilo, informando que ele é derivado do *ragtime* outra música dos negros americanos. Diz ainda sobre o boogie-woogie que ele nasceu no final dos anos vinte, dado não presente na definição do dicionário, completando seus comentários com a afirmação de que o boogie-woogie favorecia o virtuosismo instrumental, com escalas rápidas e a capacidade de improvisação.

### *Jazz*

**ר'זַז** **Jazz** – O autor descreve este vocábulo, pertencente ao ramo das artes e cultura, como uma música de barulho excitante que junta a melodia e a popularidade dos negros norte americanos, com uma execução de base ao lado de instrumento musical de sopro.

Neste verbete, as raízes negras do *jazz* estão bem definidas pelo autor, o que já não acontece, por exemplo, com o rock.

Informação complementares do pesquisador musical Ayirton Mugnaini Jr, indicam com mais precisão os locais de onde teria vindo o *jazz* citando Nova York, Chicago e Nova Orleans como responsáveis por seu surgimento. Assim como faz com o foxtrot, menciona a época em que ele surgiu, o século XX.

O *jazz* é um termo musical da cultura americana e também um dos ritmos que fez parte da gênese de formação do rock 'n' rol, e que entrou no vocabulário hebraico e permanece até hoje, mantendo-se igual em sua definição. Even Shoshan não comenta sobre a origem do *jazz*, mas Mugnaini o faz, enumerando os vários ritmos que se juntaram para formá-lo, como blues, o *ragtime*, boogie-woogie e o gospel.

Shoshan descreve o tipo de instrumentos que acompanham esse ritmo, dizendo que são de sopro, o que não faz com o *rock*, o *twist* e o *foxtrot*, por exemplo, embora Mugnaini complemente essa informação, citando ainda o piano e o violão.

O substantivo *jazz* é igualmente acompanhado de adjetivação, assim como o *rock* e o *twist*, sendo caracterizado de “excitante”.

### *Twist*

O *twist* também é encontrado no *Milon hehadash* nas duas versões utilizadas nesta dissertação, porém, com alguma diferença de uma versão para a outra.

Após ter causado grande alvoroço no cenário musical mundial, o *rock* clássico, surgido nos Estados Unidos, nos anos 50, começou a “esfriar”. Mas seus ecos ainda ressoavam no outro lado do Atlântico, logo surgiria o grupo *The Beatles*.

Concomitante a isso, o *rock* dava lugar a um ritmo que ficou conhecido como *twist*, na voz de seu maior expoente Chubby Checker.

Even Shoshan apresenta o *twist* apenas como uma dança, sem se referir ao fato de que ele também é um ritmo, sem citar a década em que ele apareceu, o que caracteriza uma falta de dados importantes para uma descrição mais completa do vocábulo.

**טויםט Twist** (tradução da edição de 1.969). Dança moderna impetuosa por meio da qual faz torcer grande parte do corpo, e especialmente a zona dos quadris.

**טויםט Twist** (tradução da edição de 2.003). Dança moderna impetuosa em que o princípio era fazer giros rápidos se torcendo por todas as partes do corpo.

Há algumas modificações entre as definições feitas por Even Shoshan nos dois dicionários, embora o estudioso mantenha a classificação de “*twist*”, inicialmente indicado como substantivo masculino, como uma dança, tanto em 1.969 quanto em 2.003.

Ele também mantém as adjetivações, descrevendo-a como uma dança “moderna”, ou seja, historicamente recente o que não é afetado pelo fato de ela ter praticamente desaparecido, restringindo-se aos salões de dança, voltando-se ao aprendizado de pessoas interessadas em “danças do passado” ou “fora de moda”.

O dicionarista utiliza também o mesmo adjetivo no feminino, “impetuosa”, para qualificar a dança nos registros feitos por ele no *corpus* das diferentes épocas escolhidas.

No primeiro dicionário (1.969), o autor descreve uma das etapas da dança, mostrando que há movimentos de torção de “grande” parte do corpo, dando ênfase à região dos quadris.

No outro verbete ele também se refere à torção do corpo, porém, desta vez, ele diz que é em “todas” as partes do corpo. A menção aos giros que podem ser realizados ao se dançar o *twist* aparecem somente no segundo verbete.

### *Rap*

Por ser atual e amplamente conhecido, o *rap* foi outro termo escolhido para análise.

Ele surgiu ainda nos anos 70, como indicam Friedlander e Mugnaini.

פּֿרַפּ **Rap** é um termo que designa um estilo em voga atualmente e que consta no último “Milon he hadash”, de Even Shoshan.

A definição dada pelo dicionarista com o qual trabalhamos indica que ele é um estilo musical de artistas negros dos Estados Unidos em que palavras são inseridas no ritmo da melodia. Esta definição lembra em muito a feita pelo autor ao tratar do *jazz*, quando cita o fato de que tanto um estilo, quanto o outro, se iniciaram com os negros norte-americanos

Even Shoshan também faz menção a uma particularidade do *rap*, que é a de inserir palavras no ritmo da melodia. Mas o que aproxima o *rap* do *rock* é a atitude contestatória dos *rappers*, deixando transparecer em suas letras um desejo de mudança da realidade que os cerca, o que também é possível notar em algumas manifestações do *rock*.

### *Tecno*

טֶקְנוֹ **Tecno**, segundo o autor, um tipo de música de ritmo veloz e monótono de som eletrônico.

Para conceituar este estilo musical, recorreremos, novamente, ao jornalista Ayrton Mugnaini, que em *Breve história do rock*, livro de sua autoria, aponta de maneira sucinta algumas de suas características.

Ele diz que o *tecno*, também chamado de *tecnopop*, *tecnorock* ou *synth-pop* é obtido partir de máquinas como sintetizadores computadores, fitas ou disquetes pré-

gravados, aparelhos chamados vocoders e baterias eletrônicas, ou seja, que o músico é substituído pelas máquinas e pelo técnico de som que as opera.

Este uso de aparelhos eletrônicos para produzir o *tecno*, Even Shoshan também menciona em seu dicionário, empregando o adjetivo “monótono” para caracterizar o *tecnopop*, o que Ayrton não faz, citando apenas nomes de músicos que pertencem ao cenário musical do *tecno-pop*, como é mais conhecido este estilo, com Giorgio Moroder, o grupo alemão Kraftwerk e os precursores do estilo, a dupla americana Silver Apples.

#### *Outros vocábulos musicais*

**רְסִיטָל Recital** - inglês - do latim *recitare*: concerto de instrumentos musicais ou canto que é apresentado por um artista solo ou vários músicos; recital de música;

**רְפָרִיץ Refrain** canção, pedaço que se repete, refrão;

**Shimmy** – Este é o nome de uma dança sobre a qual Even Shoshan diz o seguinte: dança americana classificada como dança de *jazz* moderna. Ela é citada também pelo estudioso de música popular Ayrton Mugnaini em seu livro já mencionado. Este termo não aparece, no entanto, na edição de 2.003 do dicionário.

#### *Rock and roll*

O pesquisador Ayrton Mugnaini compara o rock ao idioma inglês, comentando que, assim como este deriva do alemão, tendo muito de seu vocabulário moderno vindo do francês e sua gramática, do latim, (o que pode ser notado também recorrendo a algumas palavras presentes em nosso trabalho), aquele também reuniu influências de todos os tipos para formar o estilo que o caracteriza.

Quanto à origem da expressão rock ‘n’ roll, consta que ela é antiga e tinha um significado nada aceitável naquela época pela indústria cultural americana, tendo conotação sexual.

Paul Friedlander, por sua vez, explica que, em se tratando de *rock*, cada autor recorre a uma definição, assim, rock ‘n’ roll seria, para alguns, a música dos anos 50 e

“*rock*” seria utilizado para representar todos os estilos que vieram depois, ou seja, de uma maneira mais geral.

Essa generalização é feita pelo autor de *Hamilton hehadash* quanto à origem americana do estilo e, a falta dessa informação, contraditoriamente, faz com que se possa inferir seu caráter universal.

O *rock* dos tempos iniciais, os anos 50, é chamado de clássico.

Encontramos as origens do *rock 'n' roll* na música afro americana, junto aos trabalhadores negros que entoavam vocalizações de chamado e resposta enquanto trabalhavam, assim como nas harmonizações da música clássica européia do século XIII.

Esses dois elementos e muitos outros deram sua contribuição para os estilos afro-americanos do *blues*, *gospel*, *jazz*, *rythm and blues* e elementos do *folk* e *country* que formaram a base do *rock 'n' roll*.

A tradução do verbete *rock 'n' roll*, do dicionário de Even Shoshan traz a seguinte definição para este termo: *Nome da dança moderna veloz e impetuosa com acompanhamento instrumental de música de jazz* (בלווי מוסיקת ג'יז).

O que o autor afirma sobre a formação do *rock* está correto, pois um dos formadores do *rock 'n' roll* foi, sem dúvida alguma, o *jazz*, porém, a expressão citada acima também em hebraico parece não corresponder à realidade, uma vez que בלווי foi encontrada no dicionário da professora Rifka Berezin com o sentido de “acompanhamento instrumental”, sendo que a base instrumental do *jazz* é realmente a de instrumentos de sopro, como indica o verbete deste ritmo, mas o *rock* é essencialmente acompanhado por guitarras.

O *rock*, ao contrário do que é demonstrado nos dicionários de Shoshan, editado ao longo do tempo, permanecendo sem qualquer alteração tanto em 1.969 quanto em 2.003, passou por várias transformações, surgindo por exemplo o chamado “som de San Francisco, o *heavy metal* e o *punk-rock*.

O *rock* de *San Francisco* era composto por uma grande variedade de ingredientes musicais e líricos, refletindo padrões musicais correntes com elementos do *rock* clássico e das primeiras músicas dos *Beatles*.

O verbete escrito por Even Shoshan é curto e não explora o termo de uma maneira mais detalhada, tratando o *rock* apenas como uma dança, deixando de lado



outros aspectos que podem ser importantes para seu esclarecimento. Isso fica bem exemplificado pelo professor Friedlander, no trecho acima em que o autor cita “ingredientes musicais e líricos”, remetendo, então, à melodia e à letra das músicas compostas na época.

O maior ídolo do *rock*, foi Elvis Presley, um jovem que começou sua carreira aos dezenove anos e cujas performances no palco, se mexendo sem parar incomodavam muito aos mais conservadores.

O que se sabe sobre o comportamento de Elvis no palco, vem corroborar a idéia de Shoshan de que o rock era uma dança impetuosa. Isto denota uma imagem que se tinha do rock como uma dança vigorosa, ligando-o à figura masculina.

Elvis não foi contudo, a única presença carismática no mundo do *rock* e, embora Shoshan, não cite nomes de músicos em seus verbetes, nem mesmo nos exemplos dados após as definições que faz dos vocábulos em questão, cabe lembrar de uma importante figura do *rock*: Bob Dylan por suas origens judaicas e as marcas do judaísmo, que ele e o grupo *The Weavers*, ajudaram a imprimir no cenário musical do *rock*.

#### *Bob Dylan: as marcas do judaísmo no folk-rock*

O *folk-rock* conta com um dos maiores expoentes da música dos anos 60, o neto de judeus-russos Robert Zimmerman, que ficou internacionalmente conhecido como Bob Dylan.

Conta Paul Friedlander que ele pertencia a uma classe média judia e mercantilista do meio-oeste americano. Segundo o autor, ele era solitário, o que era reforçado pela atitude contrária aos judeus do local onde residia.

Era fã de Woody Guthrie, um músico *folk* americano, do grupo “The Weavers, que alcançaram o primeiro lugar na parada *pop* com a versão de um *blues* chamado ***Goodnight Irene***, ficando o segundo lugar para o lado B do compacto com a música hebraica ***Tzena, Tzena, Tzena***.<sup>93</sup>

---

<sup>93</sup> A seguir um trecho da letra da música gravada pelo The Weavers: “Tzena, Tzena, Tzena, Tzena/ Can't you hear the music playing/ In the city square/ Tzena, Tzena, Tzena, Tzena/ Come where all

Em 1.965, Bob Dylan apresentou-se pela primeira vez ao som de uma guitarra, esse foi um passo importante para que ele adentrasse ao mundo do *rock*, sem contudo abandonar as canções *folk* que o consagaram, com isso, fica confirmado aquilo que dissemos anteriormente, comparando o ג'יז (jazz) e o רוקנרול (rock 'n' roll), considerando a guitarra o instrumento principal para o acompanhamento deste.

Alusões à Bíblia não faltaram em seu repertório, citando temas como arrependimento e salvação, que aparecem na música “Saved”: *Eu estava cego pelo diabo,/ Nascido já em ruínas, Pedra-fria morto/ Como eu pisei fora do útero. Por Sua graça eu fui tocado, Por Sua graça eu fui tocado, Por Sua palavra fui curado, Por Seu lado eu tenho sido entregue/ Por Seu espírito fui selado*<sup>94</sup>.

O livro *Israel since 1.980*, que procura nos dar uma visão do Israel moderno, passando pelos vários campos de atuação e interesse do ser humano, abordando fenômenos como a globalização e os meios de comunicação de massa, nos transmite a idéia da importância do rock e de outros estilos musicais neste país atualmente: “Desde os anos 1.990, a sociedade israelense tem rapidamente se tornado parte da economia e da cultura globais. ‘Fast food’ americano e redes de varejo tem se estabelecido em Israel, uma nova língua tem sido embebida de palavras em inglês e gírias estão sendo introduzidas, assim como música e, na maior parte, influência de música americana, além dos multicanais da televisão comercial.”<sup>95</sup>.

---

our friends will find us/ With the dancers there/ Tzena, Tzena join the celebration/ There'll be people there from every nation/ Dawn will find us laughing in the sunlight/ Dancing in the city square”

<sup>94</sup> Outra alusão á bíblia é feita no proprio título de uma canção de Dylan: “Sara”, o nome de uma personagem bíblica do livro de Gênesis.

<sup>95</sup> BEN-PORAT, Guy, *et alli*: 2.008, p.105. A tradução é minha.

## CONCLUSÃO

Tendo em vista o fato de que a hegemonia americana já se processa por longos anos, mais precisamente, desde o final da Segunda Guerra Mundial, foi fundamental a escolha de dois períodos para a coleta do léxico necessário para a realização do trabalho.

Porém, não se pode esquecer também que durante um período de sua história, o Mandato que coincide com a época de sua fundação, Israel esteve sob o domínio da Inglaterra, o que pode indicar que o número de palavras inglesas que entraram para o vocabulário do hebraico fosse cada vez maior. A escolha de dicionários como *corpus* para a realização deste trabalho se deveu ao fato de o dicionário ser o registro do léxico das palavras utilizadas em uma língua por seus falantes em um determinado momento.

Como há um número bastante considerável de palavras nos dicionários de Even Shoshan, tanto nos mais antigos, quanto nos mais novos, o critério que norteou a escolha das palavras para nossa dissertação foi sua adequação e identificação relacionadas ao texto de Eisenstadt, ou seja, por grupos semânticos.

Notamos que ainda restaram vocábulos não utilizados para quaisquer tipos de análise e que foram inseridos em anexo.

Esclareço, ainda, que mesmo nos anexos não está presente a totalidade de palavras inglesas existentes nos dois dicionários consultados.

A opção por dicionários de um único autor, Even Shoshan, se deve ao fato de ele ser bastante respeitado já que ele é bastante respeitado como dicionarista e várias edições de sua obra já terem sido publicadas.

A contextualização do vocabulário de acordo com o texto de Eisenstadt deu sentido aos termos trabalhados, possibilitando-me, ainda, após sua tradução, escolher aqueles do campo semântico analisado. A opção pelo campo da música foi uma questão de empatia pessoal.

Um dos termos trabalhados foi *foxtrot*; e o motivo desta escolha foi o fato de que, neste caso, o termo aparece no dicionário mais antigo no qual me baseei para elaborar a dissertação, mas não aparece na reedição.

O interesse pelo *twist* se deve ao fato de que notei que há uma pequena diferença na conceituação deste termo ao comparar os dois dicionários.

Os termos musicais foram contextualizados pelos livros por dois autores especializados no assunto, Ayrton Mugnaini e Paul Friedlander, propiciando uma análise mais desenvolvida.

Conclui na minha pesquisa que a maioria das palavras apareceu nos dicionários das diferentes épocas e que aparece igual na maioria dos casos também, não havendo verbetes totalmente diferentes.

As palavras presentes no dicionário de 2.003 foram encontradas procurando-se fazer uma busca mais direcionada no sentido de se verificar quais eram adequadas aos campos semânticos já existentes, porém isso possibilitou encontrar outras não esperadas.

Observou-se que muitas das palavras encontradas são do campo semântico da área de computação e formam um grupo de palavras somente encontradas na edição mais recente desse dicionário.

Houve ao longo dos anos um acréscimo bastante significativo de palavras do vocabulário dicionarizado da língua hebraica, denotando a influência da Inglaterra na ocasião da Fundação de Israel, com palavras do inglês britânico e, atualmente, do inglês americano com a influência americana exercida em todo o mundo.

Penso, desse modo, ter cumprido neste mestrado uma pequena parte de um projeto maior.

Uma língua sempre está em movimento, assimilando influências de outros léxicos, sendo sempre possível notar essa influência da maneira mais sensível e constante e, como foi visto na pesquisa, essas influências apontam sempre para questões de convívio.

## ANEXO

**קנבן Combine** nome comercial de uma máquina que colhe e debulha ao mesmo tempo. O combain é rebocado no campo pelo trator e colhe o trigo. É palavra igual dos dois dicionários

**אינטגריטי Integrity** integridade, completude, um nível alto de avaliação sem mácula. É do dicionário de 2.003.

**בר Bar** 1. bar, local onde se serve bebidas aos fregueses. 2. armário de bebidas, buffet. 2. barra de madeira ou de metal preso à parede que serve para treino de bailarinos ou ginastas.

**בלוק Block** – (do inglês) 1. sistema, bloco: quarteirão. 2. tijolo grande feito de cimento, geralmente vazada no centro: parede de blocos. 3. caderneta ou bloco de papel para carta etc.

**בולדוזר Buldozer** 1. escavadeira. 2. (coloquial) pessoa com poder de realização que consegue resultados rápidos.

**גימקנה Gimkhana** (port. gincana) Aparece somente no dicionário mais antigo. Nome dado às competições de corrida e às competições esportiva: gincana de automóveis ou de motocicleta.

**טריק Trick** malabarismo, estratagemas sagaz, artil astuto. Igual nos dois dicionários.

**טסט Test** 1. exame ou prova para determinar a veracidade de uma determinada hipótese ou a eficiência de um instrumento. 2. (coloquial) prova de direção (para tirar licença de motorista ou de veículo). Este verbete não sofreu modificação alguma nos dicionários.

**ויסקי Viski** água ardente de alta qualidade, feito de levedura cevada ou de centeio. Bastante difundido na Inglaterra e Estados Unidos. Verbetes iguais em 2.003 e 69.

**יפויא** Nome dado ao jovem urbano, intelectual e de sucesso 2.característica do estilo de vida dessas pessoas: um apartamento.

## BIBLIOGRAFIA

AGNON, S.Y. *et alii*. *Ressurgimento da língua hebraica*. São Paulo: Centro Brasileiro de Estudos Judaicos, S. D.

ÁLVES, Ieda Maria. *Neologismo – Criação Lexical*. São Paulo: Ática, 1.990.

ÁLVES, Julia Falivene. *A invasão cultural norte-americana*. São Paulo: Moderna, 1.988.

ARAÚJO, Reginaldo Gomes de, *Gramática do Aramaico Bíblico*, São Paulo: Targumim, 2.005.

AUBERT, Francis Henrik. *As variedades de empréstimos*. D.E.L.T.A – Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo: EDUC - Editora da PUC – SP, 2.003

BARBOSA, M.A. *Léxico, Produção e criatividade: Processos do Neologismo*. São Paulo: Global, 1.981.

BARNETT, Lincoln. *History of the english language*. London: Sphere Book, 1.970.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Ato de presença (homenagem a Rifka Berezin)*. Org. Moacir Amâncio. – São Paulo: Editorial Humanitas, 2.005.

BEN-PORAT, Guy, *et alii*. *Israel since 1.980*. New York: Cambridge University Press, 2.008.

BEREZIN, Rifka, *As origens históricas do vocabulário do hebraico moderno*, (tese de doutorado, FFLCH-USP). 1.972.

\_\_\_\_\_. *Dicionário Hebraico-Português*. São Paulo, Edusp, 2.003.

\_\_\_\_\_. *Iniciação ao hebraico I*, - 4ª ed. – São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2.000.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 3ª reimpressão, 1.994.

BIDERMAN, Maria Teresa de C. *Teoria Lingüística (lingüística quantitativa e computacional)*. Rio de Janeiro: LTC, 1.978.

BONNARD, H. *Grand Larousse de la Langue Française*. Paris: Larousse, 1.972 (vol.II).

CABAÑAS, Maria Aparecida. *Marcas de intolerância no combate aos estrangeirismos: o caso dos galicismos na língua portuguesa*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (Dissertação de Mestrado), 2.005.

CABRÉ, Maria Teresa. *La terminologia. Teoria, metodologia, aplicaciones*. Barcelona: Editorial Empúries, 1.993.

CARVALHO, Nelly. *O que é neologismo*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1.984.

\_\_\_\_\_. *A terminologia técnico-científica: Aspectos lingüísticos e Metodológicos*. Recife: Editora Universitária da UPFE, 1.991.

CHOMSKY, N. *Syntactic Structures*. Paris: Le Hague, Mouton, 1.956.

DEROY, L. *L'Emprunt Linguistique*. Paris: Les Belles Lettres, 1.956.

DUBOIS, Jean. *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Editora Cultrix, 2007.

DURAND, Oliver. *La língua ebraica—perfilo storico-strutturale*. Roma: Eulama, S.D.

EFROS, Israel. *English-Hebrew Dictionary*. Tel-Aviv: Dvir, 1.950.

EISENSTADT, S.N. *Sociedade Israelense*. São Paulo: Perspectiva, 1.977.

EZRAHI, Yaron. *Rubber Bullets. Power and Conscience in Modern Israel*. Berkeley: University of California Press, 1.998.

EVEN-SHOSHAN, Abraham. *Hamilon Hehadach*. Jerusalém: Kiryath Sefer, 1.969.



FARACO, Carlos Alberto (org.) *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola Editorial, 2.004.

FINATTO, Maria José Bocorny e KRIEGER, Maria da Graça. *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2.004.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1.995.

\_\_\_\_\_. *Introdução à lingüística*. São Paulo: Contexto, 2.002.

FRIEDLANDER, Paul. *Rock'n'roll – uma história social*. Rio de Janeiro: Ed Record, 2.008.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1.994.

GUILBERT, Louis. *La Créativité Lexicalle*. Paris: Larousse, 1.975.

HATZAMRI, Abraham e Shoshana, *Dicionário Português-Hebraico e Hebraico-Português*. Ed. Sêfer, 2.004.

JAKOBSON, Roman. *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1.969.

KHALIDI, Rashid. *Palestinian Identity. The Construction of Modern National Consciousness*. New York: Columbia University Press, 1.997.

KOKOUREK, R. *La langue française de la technique et de la science*, 2<sup>a</sup>. ed. Wiesbaden: Oscar Brandsletter Verlag, 1.991.

LEITE, Marli Quadros, *O Purismo Lingüístico – suas manifestações no Brasil*, (tese de doutorado, FFLCH-USP). 1.996.

LOPES, Antonio de Castro. *Neologismos indispensáveis, barbarismos dispensáveis*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1.909.

MEARSHEIMER, John J. & WALT, Stephen M. *The Israel Lobby and US Foreign Policy*. New York: Penguin Books, 2.008.

MICHAELIS, Henriette. *Dicionário Eletrônico inglês-português*. São Paulo: Melhoramentos, 1.998.

MUGNAINI Jr, Ayrton. *Breve História do Rock*. São Paulo: Claridade, 2.007

PASSINI, José. *Bilingüismo utopia ou antibabel*. Juiz de Fora, EDUFJF; Campinas: Pontes, 1.993.

RABIN, Chaim. *Pequena História da Língua Hebraica*. São Paulo: Summus Editorial, 1.973.

\_\_\_\_\_. *O Renascimento da Língua Hebraica, in Ressurgimento da língua hebraica*. São Paulo: Centro Brasileiro de Estudos Judaicos, S. D.

RONDEAU, G. *Introduction à la terminologie*. Québec: Gaetan Morin, 1.984.

ROZENCHAN, Nancy, *Tradução e o Contexto Cultural: Será que o Dicionário basta?*, in *Revista de Estudos Orientais*, São Paulo, DLO/ FFLCH/USP, nº05, 2.006.

RUBINSTEIN, Eliezer, *Contemporary Hebrew and Ancient Hebrew*. Israel: sifriat “universitá meshuderet”, 1.989.

SÁENS-BADILLOS, Angel, *A History of the Hebrew Language* (trad. de John Elwolde). Cambridge: Cambridge University Press, 1.993.

SAPPAN, Raphael. *A Gíria Hebraica e os empréstimos de vocabulário, in Ressurgimento da língua hebraica*. São Paulo: Centro Brasileiro de Estudos Judaicos, S. D.

STEINBERG-Martha, *Neologismos de língua inglesa*. São Paulo, Ed. Nova Alexandria, 2.003.

TENE, David. *O Hebraico Israelense, in Ressurgimento da língua hebraica*. São Paulo: Centro Brasileiro de Estudos Judaicos, S. D.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1.985.

VAN HOOFF, H. *Histoire des dictionnaires techniques*. In: SCHAEZTEN, Caroline de. Terminologie diachronique. Paris, Conseil International de la Langue Française. Bruxelles: Service de la Langue Française, 1.989, p. 27-37.